

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GIULIA CONSTANTE SIMÕES

**POLÍTICA EM CAMPO: AS CRÔNICAS DE JOÃO SALDANHA E A
CONSOLIDAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO**

**UBERLÂNDIA
2023**

GIULIA CONSTANTE SIMÕES

POLÍTICA EM CAMPO: AS CRÔNICAS DE JOÃO SALDANHA E A
CONSOLIDAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO

Dissertação para avaliação final- conclusão do
Mestrado em História, ao Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade Federal
de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahal

UBERLÂNDIA

2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S611 2023	<p>Simões, Giulia Constante, 1997- Política em Campo: as crônicas de João Saldanha e a consolidação do futebol brasileiro [recurso eletrônico] / Giulia Constante Simões. - 2023.</p> <p>Orientador: Marcelo Lapuente Mahl. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em História. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.481 Inclui bibliografia.</p> <p>1. História. I. Mahl, Marcelo Lapuente, 1974-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em História. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 930</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4395 - www.ppghis.inhis.ufu.br - ppghis@inhis.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	História				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 3, PPGHI				
Data:	Vinte e seis de julho de dois mil e vinte e três	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:00
Matrícula do Discente:	12112HIS006				
Nome do Discente:	Giulia Constante Simões				
Título do Trabalho:	Política em campo: as crônicas de João Saldanha e a consolidação do futebol brasileiro				
Área de concentração:	História, Cultura e Poder				
Linha de pesquisa:	Territorialidades, Cultura e Poder				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Meio Ambiente, Impactos Ambientais e Divulgação Científica: Uma Análise Dos Dados Sobre O Desmatamento No Território Brasileiro Produzidos Pelo Inpe (1992 – 2020)				

Reuniu-se de forma remota através da plataforma de webconferências Mconf RNP, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores Doutores: [Jean Luiz Neves Abreu INHIS/UFU](#); [Marina de Mattos Dantas/UEMG](#); [Marcelo Lapuente Mahl INHIS/UFU](#) orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Marcelo Lapuente Mahl, apresentou a Comissão Examinadora e o candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu a Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Lapuente Mahl, Membro de Comissão**, em 26/07/2023, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jean Luiz Neves Abreu, Membro de Comissão**, em 26/07/2023, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marina de Mattos Dantas, Usuário Externo**, em 26/07/2023, às 15:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4605448** e o código CRC **5FC89799**.

GIULIA CONSTANTE SIMÕES

**POLÍTICA EM CAMPO: AS CRÔNICAS DE JOÃO SALDANHA E A
CONSOLIDAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade
Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl

Uberlândia, 26 de julho de 2023.

Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl - Orientador Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu - Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Prof. Dra. Marina de Mattos Dantas - Universidade Do Estado de Minas Gerais – UEMG

AGRADECIMENTOS

Inicio esses agradecimentos saudando a Universidade pública. Ela que me graduou e hoje me permite a especialização, sofre diariamente com a tentativa de sucateamento e nos últimos anos enfrentou ataques reacionários seríssimos vindos daqueles que estavam no poder e que por ela deveriam zelar. Ela resiste, pois é fruto de árduo trabalho, coletivo e competente de docentes, discentes e técnicos. Em especial, agradeço a UFTM e a UFU por terem me acolhido.

Digo que esse trabalho foi escrito por muitas mãos. Quando não podia mais fazê-lo sozinha, e não foram poucas vezes, sempre havia alguém ali para ser incentivo e acolhimento. A todos agradeço imensamente.

Em especial:

Ao meu companheiro Clayton por todas as leituras, sugestões, trocas e apoio. Sigo dizendo: não faria sentido sem você aqui. Pelos carinhos em forma de chocolate. Pelo caminho que estamos sonhando e construindo juntos. Amo você.

Aos amigos que acompanharam um pouco mais de perto esse processo, agradeço pelas palavras que foram afeto frente a distância física muitas vezes imposta. Nas pessoas de Gustavo Ávilla, Raniery Santiago, Iderlaura Fortunatti, Maíra Tomé, Lucas Alexander Gomes, Bárbara Falleiros, Larissa Santos, Ana Flávia Pierazo, Pedro de Mello, Vitória Novais, Paula Goulart, Izabela Leles e Isabel Brasil, muito obrigada!

À minha família por todo amor, por compreender minhas ausências e por vibrar a cada etapa concluída. A minha mãe, Olga pelo exemplo de coragem e fé. Ao meu pai Gilcélcio, meus avós, tias, tios e primos. Em especial aos meus pequenos, Amanda, Elloah, Luísa, Elisa, Joaquim, Miguel, Konrado e Melina que seguem sendo amor e esperança na vida. Amo vocês.

À Bruna Rufato, pela escuta acolhedora e delicada de sempre. Mas principalmente por me ajudar a me reconhecer nesse trabalho.

Ao GEFUT (Grupo de Estudos sobre futebol e torcidas – UFMG) por me apresentar novos caminhos e perspectivas. Pelos profissionais que pude conhecer e pelos necessários debates.

Ao meu orientador, Marcelo Lapuente, pelo incentivo e trocas ao longo desses difíceis anos.

Por fim à educação básica, onde me encontro e me transformo.

Muito obrigada!

“O craque nem sempre é o melhor em campo, mas é o mais importante da partida. É o que ocupa mais espaço nas crônicas mesmo para dizerem que não jogou bem. Craque é craque.”

-João Saldanha

RESUMO

A imprensa no Brasil foi estabelecida sincronicamente com a nossa constituição enquanto Nação. Os personagens e fatos se mantêm em constante diálogo e interação, o que os permitiu e até hoje permite compor os processos que marcam a história do nosso país. O futebol é um desses fatos, difundido e consolidado de forma significativa através da imprensa. Aportando em terras brasileiras no final do século XIX como esporte de elite, é logo apropriado pela crescente massa trabalhadora e se torna algo indissociável da vida do brasileiro já nas primeiras décadas do século XX. Dando ao povo participação na vida política. Um intelectual, comunicador e jornalista brasileiro, destaca-se na constituição do futebol de forma tão peculiar no país. Seja pela relação pessoal com o futebol ou pelo trabalho desenvolvido na imprensa esportiva, João Saldanha é figura central nesse processo. É nesse recorte que essa pesquisa encontra. É através do gênero crônica e da imprensa esportiva brasileira que se analisará o discurso de Saldanha, que permite construir e consolidar a história do futebol brasileiro. Nesse sentido, a pesquisa também permitirá percorrer os três lugares principais ocupados por João Saldanha, jornalismo, política e futebol, que o permite organizar a sociedade e se fazer sujeito através do futebol.

Palavras-chave: Futebol; João Saldanha; Imprensa; Crônica; Imprensa esportiva.

ABSTRACT

The press in Brazil was established synchronously with our constitution as a Nation. The characters and facts remain in constant dialogue and interaction, which allowed them and still allows them to compose the processes that mark the history of our country. Football is one of those facts, disseminated and consolidated significantly through the press, arriving in Brazilian lands at the end of the 19th century as an elite sport. But it was soon appropriated by the growing working mass and became something inseparable from Brazilian life in the first decades of the 20th century. Giving the people participation in political life, making us republicans in fact. A Brazilian intellectual, communicator and journalist, he stands out in the constitution of football in such a peculiar way in the country. Whether due to his personal relationship with football or his work in the sports press, João Saldanha played a fundamental role in this process. It is in this context that this research is located. It is through the chronicle genre and the Brazilian sports press that Saldanha's speech will be analyzed, which allows building and consolidating the history of Brazilian football. In this sense, the research will also allow us to go through the three main places occupied by João Saldanha, journalism, politics and football, which allow him to organize society and become a subject through football.

Keywords: Soccer; Joao Saldanha; Press; Chronicle; Sports press.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 – Recorte do Jornal do Brasil em edição do dia 11 de novembro de 1937. Nesse momento o jornal noticia a promulgação da Constituição de 1937, base da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas.....	18
Imagem 2 – Coluna escrita por João Saldanha no jornal <i>O Globo</i> em 1970. O texto trata da Copado Mundo de futebol no México, na qual Saldanha foi técnico da seleção brasileira durante a preparação para o mundial.....	24
Imagem 3 – João Havelange e João Saldanha reunidos na sede da CBD em 1970.	50
Imagem 4 – Capa do Jornal <i>O Globo</i> (18/03/1970), com o anúncio da saída de João Saldanha.	51
Imagem 5 – Recorte de capa do Jornal <i>O Globo</i> (23/02/1970).	52
Imagem 6 – João Saldanha assina contrato com a TV Globo em 1970.	56
Imagem 7 – João Saldanha atuando como comentarista na cobertura da Copa de 1970.	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: JOÃO SALDANHA E A IMPRENSA BRASILEIRA.....	14
1.1 A imprensa como fonte para o historiador	14
1.2 A imprensa esportiva e o futebol.....	18
1.3 João Saldanha e a imprensa esportiva	23
CAPÍTULO 2: JOÃO SALDANHA, O CRONISTA	27
2.1 Crônica e crônica esportiva	27
2.2 A <i>Última Hora</i> e a simbiose jornal-futebol-política.....	32
2.3 Crônicas “Sem-medo”	35
CAPÍTULO 3 – JOÃO SALDANHA E O FUTEBOL.....	45
3.1 “Parafusar algum João”	45
3.2. “Para avançar na vaga geometria”	50
3.3. “Para delírio das gerais”	58
Considerações finais	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
ANEXO I -FONTES	70

INTRODUÇÃO

No final do século XIX, o Brasil passava por um intenso processo de industrialização. Era crescente o número de imigrantes que chegavam para trabalhar nas fábricas e se fixavam no país. Os negros escravizados acabavam de ser libertados oficialmente, porém, na prática, seguiam à margem da sociedade. Sem nenhum respaldo da política interna, a dada liberdade se fazia desde que essa não tirasse o poderio da mão da elite e nem abalasse as estruturas da hierarquia social. Os negros assim permaneciam em luta pela sobrevivência.

O país também era um jovem intitulado republicano: recebeu o título através de um golpe¹ e se fez em meio a contradição. Com lemas sobre a liberdade e o direito dos cidadãos, repaginou as velhas vestes trazidas do período colonial, usando da modernidade conservadora e políticas econômicas e sociais excludentes para se fazer. Coube ao povo se colocar enquanto resistência, travando lutas sociais de formas e em âmbitos dos mais diversos, e o futebol é um deles.

Nesse período, era grande o investimento nas indústrias de ferrovias. Na economia se estabelecia grandes vínculos com a Inglaterra. O capital aplicado era majoritariamente inglês, de forma indireta, e depois com a chegada de empresas britânicas diretamente. Não por acaso, o futebol aporta no Brasil tendo também a Inglaterra enquanto origem.

Os registros indicam que os ingleses viviam em grupos de até 300 funcionários das empresas do Reino Unido e trabalhavam em tarefas específicas, como ajustar trilhos e operar máquinas. Raros eram os ingleses pobres – estes imigraram para os EUA, e não para o Brasil. São Paulo recebeu ingleses das classes média e alta [...]. (GUTERMAN, 2014, p. 15)

Embora as comunidades britânicas não expressem um grande número nos dados de imigração do país, os ingleses se fundavam em terras brasileiras em busca de maiores lucros aos seus negócios, mas mantinham padrões sociais trazidos de lá, como a educação por exemplo. O futebol entra em cena de forma substancial nesse momento. Charles Miller, de família de imigrantes ingleses, retorna ao Brasil depois de um período estudando na Inglaterra. Com ele, o futebol começa a se disseminar de fato aqui: com a bola e o livro de regras na bagagem, seu perfil competitivo (embora ainda amador) e sua adesão ao “dribbling”, dá-se o pontapé inicial ao que vai se consolidar mais tarde como futebol brasileiro. Nos jornais e nas mesas de bar, o que se via no futebol começava a expressar o popular. Já não havia vantagem de ser do que

¹ Para a República no Brasil, cf.: NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil República**: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo. São Paulo, Contexto. 2016

se chamava de boa família ou até mesmo branco. Esses teriam de competir de igual para igual com aqueles que se destacavam no esporte: o negro, sempre, ou quase, analfabeto. Iniciava-se através do futebol um importante elemento que possibilita o entendimento da nossa sociedade.

Ainda que houvesse inúmeras tentativas da elite brasileira de tentar proibir a massa trabalhadora na prática do esporte, o futebol mostrou sua essência popular logo nas suas primeiras décadas no país. Foi meio para que o cidadão se fizesse sujeito ativo da vida política do país. Organizados, os trabalhadores de chão de fábrica de Porto Alegre, Rio de Janeiro e da capital paulista se apropriaram do “esporte-bretão”. Os primeiros clubes começaram a ser fundados e se destacavam na abertura ao povo. Os negros tomaram o protagonismo do jogo, e futebol e política já haviam se tornado indissociáveis.

Um meio de extrema importância pelo qual o futebol também vai se consolidar no Brasil é através da Imprensa. Como um país atípico, a história da Imprensa brasileira também não podia deixar de ser peculiar. O *Correio Braziliense*, o primeiro jornal brasileiro datado de 1808, foi publicado em Londres e tinha um teor crítico ao tratar dos assuntos da então colônia. Idealizado por Hipólito da Costa, deparou-se com a dificuldade de circulação, uma vez que a viagem até aqui era longa, e com uma população predominantemente não letrada.

Esse cenário começa a ser alterado com a chegada da Família Real em 1808 e com o surgimento de novos títulos na imprensa. Na comunicação impressa, surge a *Imprensa Régia*, que, através dos escritos oficiais, é responsável pelos primeiros periódicos tirados em terras brasileiras. A Imprensa se consolidava juntamente com a nossa própria constituição enquanto Brasil. Apresentou a Corte, falou sobre moda, cotidiano e todas as tais boas-novas chegadas da Europa. Ao longo da sua construção, travou debates políticos de grande destaque (como a maioria de D. Pedro, por exemplo), tendo como personagens, nomes atuantes no âmbito político e social da elite brasileira. A História e a Imprensa se encontravam em diálogo constante, valendo-se como sujeito e objeto dos processos que se perpetravam.

Embalada pelas novas perspectivas técnicas adquiridas em meados do Império, a Imprensa brasileira, juntamente com o país, entra em uma nova fase: a República. Trazendo consigo ideais positivistas e uma modernidade conservadora, o fim do século marca a passagem da pequena imprensa para a grande imprensa, onde os jornais menores vão dando espaço para as grandes estruturas. Era a chegada da luz elétrica, da máquina de escrever, cinematógrafo, dos automóveis, entre outras novidades que traçavam novos caminhos para o Brasil, atingindo-se a ideia de um país estruturado e civilizado. A imprensa brasileira tomava os caminhos da profissionalização, trazendo assim, também, sua função mercantil enquanto prestadora de serviço, ótica que reflete a imprensa atual. De acordo com Capelato:

Os empresários jornalistas atuam na esfera privada orientados pela lógica do lucro. Enfrentam os concorrentes com todas as armas de que dispõem: notícias, opiniões, atrativos diversos para atender a todos os gostos. No entanto, essa empresa que visa o lucro, põe à venda no mercado uma mercadoria muito particular: a mercadoria política. Nesse tipo de negócio é que se entrelaçam o público e o privado. Há uma mescla de direitos: os dos cidadãos se confundem com os do dono do jornal. Os limites entre um e outro são muito tênues. (CAPELATO, 1991, p. 136)

Nos anos seguintes, essa ótica fica ainda mais clara quando, juntamente com o incentivo à alfabetização, às fábricas de papel para sua produção e ao desenvolvimento de técnicas mais aprimoradas, a imprensa trouxe o controle das informações. A censura política e o controle do que era veiculado nos meios de comunicação passaram a ser presença constante e se iniciou a caça aos formadores de opinião na busca pela neutralidade. Com a chegada de Vargas à presidência, fica ainda mais presente o discurso apartidário e imparcial, tendo as perseguições políticas como aparato de controle social.

Essa prática se torna muito comum durante os governos do século XX no Brasil, dos democráticos aos autoritários: mais uma vez, a história da imprensa e o país consolidado dividem sua construção em um só tempo. Nesse momento, os jornais e revistas vão cedendo espaço ao crescimento exponencial do rádio e, tempos depois, a inovadora televisão. Esses meios de comunicação estabelecem um diálogo cada vez mais estreito com o público.

É nesse recorte temporal e partindo da consolidação do futebol enquanto fenômeno social no Brasil que surge um personagem central na análise que essa pesquisa pretende fazer: João Saldanha. É, também, aqui que o jornal se dá como fonte direta para a escrita da História. A pesquisa pretende fazer sua análise através das crônicas desse jornalista, publicadas em jornais impressos como *A Última Hora*, *O Globo* e *o Jornal do Brasil*. Não será possível trabalhar com a totalidade de crônicas publicadas nesses jornais, uma vez que são em torno de 6 mil ao longo desse percurso. Mas, através de levantamentos por temas e datas, lista-se e seleciona as mais relevantes ao estilo de Saldanha para análise.

João Saldanha nasceu em 1917, em Alegrete no Rio Grande do Sul e, desde cedo, teve relação muito próxima com a política. Sua família foi atuante na batalha entre Chimangos e Maragatos, em 1923, na fronteira Brasil-Uruguaí. Sua relação com o futebol também não tardou: teve contato com o Clube Atlético Paranaense nas suas muitas mudanças pelo sul do país e, desde então, não se distanciou do esporte. Estudou jornalismo, foi militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), ex-jogador e técnico de futebol pelo Botafogo, em 1957, e pela seleção brasileira, em 1970. Em contexto, ganhando destaque por ser oposição declarada ao então

governo da ditadura militar e por treinar um time de excelência técnica, as “Feras do Saldanha”. Contexto esse que será parte importante na análise das crônicas neste trabalho.

Mas é na imprensa que ele ganha maior expressão. Com um olhar para muito além das quatro linhas do campo, Saldanha passa a integrar equipes das Rádios mais renomadas do país, como Rádio Guanabara e Nacional. Atuando na área do esporte, ficou famoso pelos comentários e narrações das partidas de futebol, sempre colocando sua visão além-campo e tratando o futebol como ato político. Consagrou-se também nas crônicas, fonte primária dessa pesquisa, publicando em *O Globo*, *A Última hora*, *Jornal do Brasil* e *Revista Placar*.

Como já mencionado anteriormente, tem sua posição política muito bem definida em relação ao governo que vigorava na época e, por entender o sentido amplo do futebol na vida do brasileiro, ganhou destaque ao trabalhar com o esporte em diversos âmbitos. Saldanha transitou ao longo de sua carreira no esporte, na imprensa e na política. Foi principalmente através dos jornais que seu discurso tomou força, fazendo com que se tornasse não apenas um personagem importante na Copa de 1970, mas sim ocupando um papel de destaque no campo intelectual brasileiro.

Fato é que esse comunicador, que se construía em polos antagônicos aos que comumente eram vistos no esporte, deixa sua marca no papel ocupado pelo futebol no Brasil até hoje. Nessa perspectiva, é possível identificarmos, através dos jornais e das crônicas desse autor, qual é esse discurso construído e como, através da imprensa, João Saldanha conseguiu conectar e transpor as gerações a fim de contribuir na construção do Brasil através do futebol.

É necessário trazer para o debate, também, qual a posição ocupada pelas crônicas no cenário da imprensa nacional e, mais que isso, pensar o lugar e o espaço da crônica esportiva. De gênero literário pouco aceito dentro da imprensa no Brasil, a crônica e a crônica esportiva passam a se ocupar do cotidiano da sociedade, fazendo, quase que como no futebol, um local de expressão daquela realidade.

Compreender o papel de João Saldanha enquanto cronista, mas também enquanto organizador da sociedade em que vivia através do futebol, é ter ferramenta para compreender como se dá a construção do Brasil e do brasileiro. Em seus capítulos, esse trabalho trata de, a partir da divisão de João Saldanha em duas fases, pré e pós-Copa de 1970, de forma não a analisar toda a sua vida, mas destacar pontos e posições determinadas por ele e por quem o analisou, importantes na sua história. É objetivo, analisar suas crônicas, compreendendo a linguagem utilizada, os temas escolhidos e abordados, e sua constante interlocução com o cenário político do país. Possibilitando assim, entender o que torna o futebol e João figuras vivas da história brasileira.

Esta pesquisa, por fim, é otimista. Mesmo entendendo que esse debate não se finda aqui, ele se faz necessário por propor e acreditar no futebol enquanto cultura, instrumento crítico, político e transformador da sociedade. Assim como a imprensa brasileira em suas diferentes formas e sujeitos enquanto fonte de enriquecimento do trabalho do historiador.

Prefiro pensar sempre em João rindo – diz Juca Kfoury. – Não fui ver o traslado do caixão. Eu tenho João em pé, rindo e contando casos. É um pouco como procuro me lembrar de meu pai, da minha mãe, das pessoas que me são muito queridas. Eu não sei do João triste, eu não sei do João morto. Eu sei do João vivo. (SIQUEIRA, 2007, p. 497)

CAPÍTULO I: JOÃO SALDANHA E A IMPRENSA BRASILEIRA

1.1 A imprensa como fonte para o historiador

O trabalho entre o historiador e a imprensa passa a ser aceito quando a *Escola dos Annales*², na França, supera a neutralidade e o teor oficial das fontes. O que anteriormente apenas poderia ser considerado pela historiografia através do subsídio de documentos governamentais, fontes concretas e afastados de seu tempo, a partir da terceira geração dos Annales, passa a ser uma possibilidade de abordagens utilizados para análise de determinado tempo, fato ou sociedade na História.

Ao passo que avança a chamada Micro História, o enfoque a História política que se valia dos documentos oficiais, passa a se descentralizar, mesmo que de forma gradual. Longe de serem irrelevantes, esses documentos eram usados na busca de uma verdade irrestrita, o que dificultou a inserção das novas fontes dentro do campo historiográfico; a imprensa principalmente, como traz a autora Tânia Regina de Luca.

A crítica a essa concepção, realizada já na década de 1930 pela chamada Escola dos Annales, não implicou o reconhecimento imediato das potencialidades da imprensa, que continuou relegada a uma espécie de limbo. Percorrer o caminho que vai da desconsideração à centralidade dos periódicos na produção do saber histórico implica acompanhar, ainda que de forma bastante sucinta, a renovação dos temas, as problemáticas e os procedimentos metodológicos da disciplina. (DE LUCA, 2005, p. 112)

O uso dos periódicos traz à tona uma realidade distinta, superando a neutralidade. A imprensa sugere novas abordagens e metodologias, além de levantar novas temáticas. De forma ampla, a imprensa enquanto fonte, traz informações cotidianas possibilitando a leitura de processos presentes, de suas interpretações e seus interesses.

Nesse momento, o trabalho do historiador e do jornalista se fundem e, por vezes, são confundidos. Com a imprensa enquanto fonte, cabe ao historiador não apenas registrar o fato, como faz o jornalista, mas entendê-lo enquanto ação que supre interesses do grupo que ela representa, passando, assim, a interpretá-la como ferramenta de sua sociedade. O Brasil enquanto Nação se faz ao passo da imprensa nacional e vice-versa. O futebol também.

² A Escola dos Annales surge na França na Primeira metade do século XX. Enquanto movimento historiográfico, propõe mudanças significativas na metodologia e na incorporação de novas fontes. Cf : BURKE, Peter. A Escola dos Annales. São Paulo: Unesp, 1997.

Deste modo, as mudanças trazidas a partir da incorporação dessa nova fonte despertam a historiografia que, até então, estava consolidada. Colocando para a narrativa propostas de renovação que permitem ao historiador uma leitura ampla dos projetos políticos, transitar pela interdisciplinaridade e explorar as temporalidades através do cotidiano.

A inquietude que conduz esse trabalho nasce com a tentativa falha de explicar o futebol como algo homogêneo, como por muitas vezes se fez na imprensa. Com recorte no Brasil e através da figura de João Saldanha, jornalista, cronista, militante e futebolista, propõe-se aqui entender a construção do futebol no país, fazendo dele, agente ativo de mobilização social e política. Propõe-se a entender a leitura de Saldanha do futebol e o impacto dela na sociedade através de sua atuação na imprensa, com ênfase para as crônicas publicadas. Entendendo e destacando assim períodos e posições marcantes no seu percurso.

Por muito tempo, não só tentamos engessar o futebol enquanto conceito, mas também viemos fazendo dele espetáculo, deixando para segundo plano seu caráter estrutural em sociedades como a nossa. Essa construção se dá a partir de autores como Nelson Rodrigues e Mário Filho que, através da imprensa, marcam à prática do futebol no país como exercício da própria brasilidade e como máxima expressão que o esporte teria a oferecer.

Para que seja possível contrapor tais teorias, como aponta o historiador Eric Hobsbawm em análise sobre a relação entre teoria e História³, é necessário entender a constituição do futebol brasileiro, suas origens, construções, invenções e tradições. O ponto de partida será a análise da imprensa, palco fundamental dessa trajetória, feita a partir da imprensa esportiva, do discurso construído a partir dela e das crônicas de um dos principais debatedores do futebol no Brasil, João Saldanha.

Embora tenha sua primeira edição de jornal impresso, o já mencionado aqui *O Correio Braziliense* de 1808, publicado em Londres, a produção dos impressos no Brasil não chega acanhada. Seja em folhetins ou em grandes produções, a imprensa no Brasil se consolida juntamente com a Nação. Com destaque nos primeiros anos de República, a imprensa paulista publica periódicos noticiosos, literários, oficiais, religiosos entre outros. Apresentando aumento significativo entre as décadas de 1910 e 1930.

Já nesses primeiros momentos, as análises históricas da imprensa brasileira apontam o caráter político das atividades jornalísticas, que nascem com as campanhas de abolição da escravidão e pela República, mas não param por aí. Passam a apresentar as variações de

³ Cf. HOBBSAWM, E. J. Sobre história: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

tendências, as manifestações de oposição ao governo, a luta organizada dos jovens estudantes. Grupos, dispostos a fazer da imprensa ferramenta de debate e de disputa política.

A busca pela neutralidade era o grande impasse daqueles que buscavam a modernização e a parcialidade das páginas da imprensa. Vindos muitas vezes de organizações políticas, movimentos e coletivos, buscavam contrapor o que os governos brasileiros ao longo do século XX se dedicaram indiretamente a fazer, criar uma sociedade cada vez mais apolítica. De forma que a imprensa se tornasse terreno fértil para formar opiniões desse cunho.

A industrialização que tardou, em relação aos países europeus, a chegar no Brasil, trouxe novas perspectivas para a formatação da imprensa. Eram o desenvolvimento potencializador de tecnologias como a luz elétrica e as novas prensas, que ditaram um novo ritmo a produção da imprensa brasileira.

Com uma intensidade ainda maior, a imprensa assumiu um novo rumo muito importante para se estruturar. Com a modernização das técnicas e o avanço das tecnologias para produção, ilustração e impressão dos impressos, a variedade e o consumo dos mesmos tomam grandes proporções. Multiplicam-se os títulos, criam-se as livrarias e assinaturas. Os jornais ganharam edições diárias e alcançam proporção expressiva juntamente com a demanda publicitária e o mercado editorial.

O crescimento e a diversificação do mercado editorial assentaram-se no tripé da florescente economia urbano-industrial, em combinação com a modernização técnica e a ampliação do mercado leitor. Se o índice de analfabetismo era muito alto no início do século passado, apesar dos esforços no sentido do letramento, um ideal caro aos republicanos, a conjuntura socioeconômica faz com que o número de leitores se amplie. E mais: no quadro da urbanização, com uma população pelo menos em tese livre da escravidão e imbuída das luzes da ilustração, o saber ler tornou-se emblema distintivo. (MARTINS; DE LUCA, 2008, p. 105)

Nesse sentido, a grande demanda passa a dar espaço ao caráter comercial da imprensa. A necessidade do leitor era a demanda mais urgente a ser suprida, uma vez que ela aumentaria os lucros das empresas. De maneira contraditória, como em grande parte da história dessa nação, a República, que em tese rumava seus cidadãos ao progresso, mergulhava seu jornalismo em uma modernidade engendrada ao negócio. A base indispensável da imprensa moderna surgia. Tempo e técnica potencializavam o seu crescimento. Sobretudo, concebia-se a finalidade de atrair o público consumidor; concebia-se os princípios da publicidade e propaganda.

Fazendo jus a questão da grande imprensa, é necessário destacar o trabalho e a subjetividade de cada periódico em circunstâncias fatídicas, as posições assumidas e as

deliberadamente esquecidas. As suas permanências e seus remates. É nesse contexto que se destacam as linhas de força agentes dessa fonte aqui trabalhada. Em momentos de tempos diversos, pelevavam consolidar uma imprensa moderna em uma sociedade republicana que acabava de sair oficialmente da escravidão, mas que cotidianamente exprimia seu conservadorismo.

No fim da década de 1930, assim como o país, a imprensa passava por um momento de desconstrução de sua liberdade, uma onda ainda mais apolítica invadia os meios de comunicação. O Estado Novo, enquanto ditadura instituída por Getúlio Vargas, flertava como fascismo e particularizou-se pelo caráter centralizador e autoritário, representado pela promulgação da Constituição de 1937, fato noticiado e veiculado pelos grandes impressos nacionais, trazendo consigo as mordças legalizadas, instrumento de controle considerado limpo e eficiente, como percebe-se no trecho e no recorte de jornal abaixo:

O direito do cidadão de manifestar seu pensamento subordinava-se a condições e limites prescritos na lei. Ainda de acordo com o texto constitucional, a legislação poderia prescrever, com o fim de garantir a paz, a ordem e a segurança pública, a censura prévia da imprensa, teatro, cinema, radiodifusão, além de permitir às autoridades competentes poder para proibir a circulação, difusão ou representação do que fosse considerado impróprio. (MARTINS; DE LUCA, 2008, p. 65)

Imagem 1 – Recorte do Jornal do Brasil em edição do dia 11 de novembro de 1937. Nesse momento o jornal noticia a promulgação da Constituição de 1937, base da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas.



Fonte: Hemeroteca digital brasileira: Fundação Biblioteca Nacional.

É no Rio de Janeiro, nas décadas de 1940 e 1950, sobre esse intenso controle das mídias, que se concentram os jornais de maior expressão nacional. Sobreviventes da imprensa negócio, jornais como *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil* (reformulado) e *Última Hora*, surgem como personagens importantes nas décadas que se seguirão, trazendo à tona nomes de referência na história da imprensa brasileira, como Assis Chateaubriand⁴ e Samuel Weiner⁵. Aportado também no Rio e locado em dois dos jornais citados acima (*Jornal do Brasil* e *Última Hora*), João Saldanha passa a assumir protagonismo na cena jornalística nacional.

1.2 A imprensa esportiva e o futebol

⁴ Cf. MORAIS, Fernando Chatô: o rei do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁵ Cf. MONTEIRO, Karla. Samuel Wainer: o homem que estava lá. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Simultaneamente ao crescimento notável dos jornais, periódicos e impressos em geral, ganhava o Brasil também o futebol. Vindo da Inglaterra, o futebol, já nas primeiras décadas do século XX, se espalhava por todos os cantos do país. De berço elitista, consagra-se, no Brasil, por sua coletividade, sendo organizador e parte essencial da classe trabalhadora. Seu caráter coletivo permitiu que aqueles que não se entendiam como sujeitos dentro do país, pudessem ser ouvidos. É nele também que se expressavam e até hoje se expressam as contradições da sociedade. É nele onde fala o racismo estrutural, mas também onde o negro é rei. Onde a profissionalização, que separava classes sociais, surgiu como alternativa de protagonismo. Esses fatores foram evidenciados, influenciados e noticiados pela imprensa. De forma a fazer com que ela cumpra papel importante na construção e consolidação do futebol brasileiro. Segundo Marcos Guterman (2009), o futebol se faz como maior fenômeno social do Brasil. No trecho abaixo, o autor o caracteriza enquanto ato político e social, que não se separa da sociedade.

O futebol é o maior fenômeno social do Brasil. Representa a identidade nacional e também consegue dar significado aos desejos de potência da maioria absoluta dos brasileiros. Essa relação, de tão forte, é vista como parte da própria natureza do país- as explicações para esse fenômeno geralmente vão mais na direção da Antropologia que da História. O que este livro mostra é que o futebol, pelo contrário, não é um mundo à parte, não é uma espécie de 'Brasil paralelo'. É pura construção histórica, gerado como parte indissociável dos desdobramentos da vida política e econômica do Brasil. (GUTERMAN, 2009, p. 9).

É enquanto peça fundamental para participação política e transformadora dos sujeitos sociais que o futebol ultrapassa as quatro linhas do campo. Trazido por Charles Miller, filho de pai inglês e mãe brasileira, o então “esporte bretão” chega como uma possibilidade de tornar, na prática, o país republicano. Talvez ainda não de forma consciente, mas como meio eficiente de movimentação social.

Em meio à vinda dos imigrantes de várias partes da Europa, do desenvolvimento industrial tardio e da recém libertação oficial dos negros escravizados, o futebol ganha lugar na elite conservadora do país. Pela sua coletividade, mencionada anteriormente, haja vista seus 11 jogadores de cada lado, cai rapidamente no gosto da classe trabalhadora, primeiramente no Sul do país, mas também nas fábricas do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Tamanha era a popularidade do esporte que seu crescimento toma espaço de esportes tradicionais, símbolos de uma sociedade conservadora e individualista. Nesse momento, a relação público-privada, tão confundida e compactada em vários âmbitos no nosso país, passa a se confundir também no futebol, dando origem aos clubes nacionais.

Na tentativa, a presença da classe operária nos jogos, a elite, através da imprensa e das intervenções estatais enquanto ferramenta, tomava medidas para desorganizar e desmobilizar os times. O que, de fato, não surtiu efeito, uma vez que influenciada pelo cenário progressista emergente no século XX, a população se organizava. Times como Vasco da Gama (1898) e Corinthians (1910) já marcavam sua posição frente a sociedade.

O futebol escancara seu caráter popular enquanto encontra seu papel social. O amadorismo já estava perdendo espaço, assim como a narrativa da imprensa que timidamente falava em futebol. Nesse momento, nota-se a necessidade de uma imprensa dedicada ao esporte.

No mundo, os primeiros registros do jornalismo esportivo são com o *Le Sport*, em 1854, na França. O jornal publicava notas sobre a caça, pesca, hipismo, natação e o boxe, por exemplo, esportes praticados pela elite francesa.

Antes de 1939, havia a crônica esportiva e não um jornalismo organizado de cobertura de eventos. O primeiro órgão esportivo teria sido *Bell's Life*, inglês, depois chamado de *Sporting Life*. E, nos Estados Unidos, a imprensa esportiva só começou a destacar-se nos anos 20 deste século. (FONSECA, 1997, p. 48).

Para entender a imprensa esportiva no Brasil, é importante salientar a discussão proposta pelas autoras Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, em *A História da Imprensa no Brasil* (2008), onde os fatos e procesos que constituem o país vão moldando ao mesmo tempo o caminho da imprensa. Trazendo enquanto pauta, por exemplo, os mesmos personagens atuando nos vários âmbitos do país. São parte de processos históricos em andamento que coexistem. Seja pela escolha do uso da linguagem, pela seleção dos fatos ou da construção da narrativa.

Deste modo, faz-se também a imprensa esportiva. Em meio à efervescência jornalística dos primeiros anos do século XX, tomada por seu caráter formal e informativo, a imprensa esportiva nasce pequena e desimportante. O que levaria o jornalismo impoluto, como se reconhecia, a se dedicar a um esporte que não possuía caráter profissional, que era jogado por negros e trabalhadores nas folgas de seus trabalhos? Aliás, o seu caráter informal, nas primeiras décadas no país, contribuiu para a construção da narrativa da imprensa acerca da disfuncionalidade do futebol para a sociedade. Em contrapartida à essa visão, despontava seu crescimento exponencial vindo da adesão popular.

Tido muitas vezes enquanto divertimento público, o futebol é frequentemente encontrado em seus primeiros anos nas páginas policiais. Uma vez recém-chegado, rapidamente se torna cobiçado pelos grupos de poder como forma de organização da sociedade,

tornando-se, então, alvo de fiscalização pelo Estado. Essa lacuna preenchida pelo futebol está diretamente ligada à modernização das cidades, novidade intrínseca ao seu período histórico.

Os primeiros jornais a noticiarem o futebol, ou *football*, como era chamado, o traz em meio à artigos sobre *Educação Physica*, escritos pela classe médica voltados exclusivamente para a saúde do corpo. Por vezes, era ocultado em detrimento dos esportes individuais mais famosos na ocasião, como o tênis e as corridas de cavalo por exemplo. Ou ainda, trazido como algo estrangeiro, inteiramente deslocado da realidade daquela sociedade.

Uma das primeiras colunas dedicadas ao *Sport* no *Jornal do Brasil* (RJ), no início do século XX, teve alguns pequenos parágrafos dedicados ao futebol, destacando um jogo comemorativo em razão da independência do Brasil, ocorrido no Rio Grande do Sul. Eram claras as pretensões literárias das matérias sobre futebol nos jornais, trazendo na ausência de jornalistas especializados, cronistas que descreviam as partidas sem analisá-las ou até entendê-las, como traz Fonseca (1997) em sua discussão:

As pequenas colunas quase escondidas que tratavam do assunto foram crescendo apenas à medida que as pessoas passaram a comentar o esporte praticado por um pequeno grupo de jovens da sociedade. É por isso que a linguagem inicial da imprensa em relação ao futebol traduzia a posição intelectual de praticantes e torcedores. (FONSECA, 1997, p. 52)

Despertando o interesse da sociedade, à revelia da sua inserção na imprensa, o futebol passou a oferecer terreno e ser possibilidade histórica para a potência da coletividade, do popular. Símbolo de uma sociedade “avançada”, era ludicamente gratuito e seriamente jogado, nas palavras de José Miguel Wisnik (2008). Convertendo a lógica dos esportes praticados, a dialética do futebol se dava no espaço além das quatro linhas que ocupava, entrando em contato direto com o ser brasileiro, não pelo estilo de jogo, mas por ser acessível a sociedade excludente que se formava.

Por isso, não demoraria muito para esse sentimento ser incorporado também nas páginas de jornal. Cada vez mais ficava claro o papel do futebol no país; as partidas já não poderiam mais ser parte de uma descrição. Na lógica do mercado, a profissionalização havia chegado através de Getúlio Vargas em 1933. No campo social, negros tinham seu protagonismo para além do gol. Mundialmente, o país ganhava destaque por seus times e jogadores. Contrastando com cenário que se moldava politicamente, o futebol ganhava realidade em suas muitas formas de dialogar com o erudito do popular, modulando o caráter nacional da sociedade. Os jornais agora, dedicavam seções inteiras para abordar o futebol.

Contudo, são principalmente entre as décadas de 1950 e 1960 que mudanças significativas são produzidas no cenário esportivo brasileiro. No futebol, o Brasil é país sedeador da quarta Copa do Mundo de futebol masculino, evento até então de maior relevância no cenário esportivo. Evento esse que, subsidiado pela literatura, que havia publicado a obra “O negro no futebol brasileiro” de Mário Filho, deu ao futebol brasileiro proporção internacional. Segundo Santos e Drumond (2012), a obra de Mário Filho foi importante veículo de mobilização em prol do sentimento de unidade em torno do futebol nacional.

O negro no futebol brasileiro, lançado em 1947, o qual tem provavelmente a maior influência na criação de um imaginário que ainda hoje marca a identidade do futebol no Brasil. O autor afirmou que produziu uma obra que ‘desafia contestação’. Esse ponto de vista de Mário Filho foi compartilhado por muitos estudiosos de futuras gerações que utilizaram a obra do jornalista como fonte primordial (e desproblematizada) de seus trabalhos. Sua tese central reverberava as ideias de Gilberto Freyre e apostava no benefício da miscigenação, não do índio e do branco, como preconizavam as publicações do IHGB, mas no papel do negro e de seus descendentes, para a formação de uma maneira peculiar de se jogar futebol. (SANTOS; DRUMOND, 2012, p. 5)

Respaldados por obras e autores como Mário Filho, Gilberto Freyre e Nelson Rodrigues, consagra-se o estilo brasileiro de jogar. A ginga do mulato, os dribles e o espetáculo. Algo que há tempos vinha sendo construído; a eletricidade que de certa maneira traduzia os novos tempos.

Ainda nesta primeira década, 1950, surgem, como ferramenta de concretização, os contornos do que podemos perceber enquanto romantização da narrativa esportiva. Ou seja, essa década traz escritos, em sua maioria, crônicas que dão à narrativa jornalística esportiva um caráter dramático e poético. O pernambucano Nelson Rodrigues⁶ é um dos autores cujas características aproximam o esporte do romance. Seja por formação ou pelo interesse na forma de construção do futebol no país, Rodrigues é um dos autores de maior expressão do assunto nacionalmente.

Nas palavras do dramaturgo, os clássicos, principalmente cariocas, ganhavam títulos, como “Fla-Flu”. Nesse momento, a narrativa da imprensa esportiva, em seu caráter dramático e por vezes elitista, como a própria escrita de Nelson Rodrigues, cria e consagra o “jeitinho brasileiro de jogo”, transformando jogadores em ídolos, até mesmo em reis. Como traz Marcos Bretones (2010), em sua discussão, evidenciando uma fala de Rodrigues à Manchete Esportiva.

O meu personagem anda em campo como uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-a um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: ponham-no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de

⁶ Cf: MARQUES, José Carlos. O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas. 2ª ed. São Paulo: Educ, 2012.

ofuscar toda a corte em derredor. O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: - a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola, e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento. (RODRIGUES, 1958.)

Era, principalmente através das crônicas nos jornais, que esses autores reconheciam e consolidavam o papel do futebol no Brasil. Tão grande a repercussão dessas narrativas que futebol e imprensa cada vez mais caminham juntos, um sendo base para a estabilização do outro.

1.3 João Saldanha e a imprensa esportiva

É nesse momento que surge uma figura central para este trabalho: João Saldanha. Jornalista por ofício, Saldanha era o contraponto ao discurso futebolístico de Nelson Rodrigues. Escrevendo em jornais de grande expressão nacional, como o *Jornal do Brasil* e *Última Hora*, João Saldanha tinha um texto ao avesso da dramaturgia de Rodrigues, compreendendo o debate político em torno do que significava o futebol no Brasil.

João Saldanha passa a atuar enquanto jornalista profissional do fim dos anos de 1950, quando se afasta parcialmente da militância política e estabelece residência fixa no Rio de Janeiro mais uma vez. Estreou no *Jornal Última Hora* em dezembro de 1960, onde permaneceu por oito anos. Convidado em 1969 para ser técnico da seleção, que traria o tricampeonato mundial para o Brasil, foi logo demitido pela ditadura militar, envolvendo-se em polêmicas com o então presidente General Emílio Garrastazu Médici e Pelé. Escreveu também para o jornal *O Globo* entre 1970 e 1974, e para o *Jornal do Brasil*, de 1976 a 1990. Ao mesmo tempo, fazia comentários dos jogos nas rádios e na TV. O que o torna objeto para essa pesquisa é sua atuação enquanto organizador da sociedade através do futebol. Abordando a imprensa, esse capítulo também aborda a atuação de Saldanha enquanto jornalista.

Imagem 2 – Coluna escrita por João Saldanha no jornal *O Globo* em 1970. O texto trata da Copado Mundo de futebol no México, na qual Saldanha foi técnico da seleção brasileira durante a preparação para o mundial.



Fonte: Hemeroteca digital brasileira – Fundação Biblioteca Nacional.

A crônica acima, publicada por João Saldanha no jornal *O Globo* em 1970, capta, enquanto fonte, a problemática deste trabalho. Haja vista toda trajetória de João Saldanha, faz-se necessário entender como seus três principais locais de atuação, sendo eles jornalismo, política e futebol, fazem ser contraponto dentro da história do futebol no país, evidenciando seu potencial político e social. Enquanto jornalista, é necessário entender o discurso⁷ criado que entende e coloca o futebol como mecanismo intrínseco da nossa sociedade. Fato indissociável da vida política.

Por discurso, baseado no que escreve o historiador Michel de Certeau (2010), é possível entendê-lo não ligado ao objeto em si, a história enquanto escrita, mas sim à produção de discurso baseado naquilo que se experimenta. Por isso, este trabalho evidencia

⁷ Cf: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

processo de construção do futebol por João Saldanha e pela imprensa enquanto construção historiográfica, e não como fato histórico engessado como mencionado no início do capítulo. O discurso construído por Saldanha através das crônicas nos jornais torna o processo histórico acerca do futebol uma operação, articulada diretamente com o lugar social trazido por ele. Ou seja, nessa construção está implicada o lugar de produção socioeconômica, político e social do sujeito que o faz. João Saldanha, ao escrever sobre o futebol a partir do que ele compreende e da ação do futebol na realidade social, metodologicamente organiza o tema e as questões postas sobre ele a fim de conectar futebol e sociedade através da prática.

Formando assim, como destacado abaixo, um discurso sobre o real, cabível de sua análise.

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. (CERTEAU, 2010, p. 81)

Aqui, um aparte: ao gênero crônica, no qual será abordado com maior profundidade no próximo capítulo, atribui-se nos primórdios da história da imprensa funções voláteis e nada compensadoras em sua remuneração. Vinda originalmente da França, o gênero adere um novo caráter no Brasil, renova sua forma de escrita, mais simples que as narrativas jornalísticas, e traz o leitor para próximo quando debate temas cotidianos. À sua popularização deve-se também a frequência com que aparecia nos jornais.

Já a crônica esportiva⁸ é primeiramente utilizada para a conquista de espaço nas grandes seções do jornal. Passa a ter aceitação e respeitabilidade quando a seção de esportes da imprensa em geral o tem, o que abre as portas para grandes autores das crônicas futebolísticas. Defender o clube e comemorar os títulos passam a ser regra; o objetivo era se aproximar do leitor através das narrativas sobre análises táticas e técnicas do futebol.

Dessa forma, pensar o discurso de João Saldanha a partir das suas crônicas é também pensá-lo enquanto sujeito histórico ativo, formador e personagem da trajetória do futebol brasileiro. Analisar essa construção implica pensar o futebol vivido, entendendo a conexão feita por ele, onde a discussão, de fato, não gira em torno da bola em campo, mas da ação dela diante de uma sociedade uniformizada, que, enquanto indivíduos em si, fazem do futebol seu próprio argumento.

⁸ Cf: COSTA, Felipe R.; NETO, Amarílio F; SOARES, Antônio J. Crônica esportiva brasileira: história, construção e cronista. Goiânia: Revista UFG, 2006

É necessário entender também no discurso e na visão de Saldanha os diferentes momentos e por isso sua colocação frente a cada um deles. Com a análise das crônicas, esse trabalho procura compreender como João Saldanha se faz cronista dentro do futebol e vice versa. Como já trazido aqui, seu papel fundamental na construção do futebol brasileiro passa substancialmente pelo seu lugar ocupado. Esse trabalho entende também que os processos pelo qual Saldanha é atravessado contribuem para sua formação. Os seus anos iniciais na imprensa brasileira (1950 e 1960), que serão abordados no capítulo seguinte, formam e caracterizam a sua escrita, a sua técnica e a sua posição frente ao contexto do futebol e do país. Abordando assuntos cotidianos, João Saldanha dá os primeiros passos para a construção do “João sem-medo”, apelido ganhado durante sua carreira.

Forma essa que, embora não se modifique em sua essência, se transforma após se estabelecer de fato como cronista. Foi jogador, técnico, onde ganha muito destaque, mas finda sua trajetória nas colunas de jornais.

Por fim, os próximos capítulos abordaram esses períodos destacados. Neles temos a crônica enquanto gênero posto como ferramenta de organização social a partir da ótica de um futebolista. Nesse momento, o uso da imprensa, a política e o futebol se tornam indissociáveis para João Saldanha. Em tempos conturbados da política nacional, o futebol se expressava. Pois bem, João! Entre e seja bem-vindo.

Qualquer lei vale ou se impõe pela sua objetividade, quer dizer: quando se torna uma necessidade, livremente aceita por sua justiça e oportunidade. Se uma lei não reúne todas as condições de objetividade – não importa de que poder emane, será viciada e se prostitui. Vai para o lixo. Não há dúvida de que é o desejo unânime de torcida brasileira ou da dos clubes particularmente, que seus craques principais não deixem o futebol brasileiro. Mas a torcida e menos a opinião pública, não gosta de ver os ídolos injustiçados. E não vai compreender como um decreto pode impedir uma pessoa ganhar mais ou ir para onde quiser. Assim, o decreto, resolução ou o que queiram chamar, baixado pelo CND [Conselho Nacional de Desportos] de João Mendonça Falcão, não deve durar muito. É demagógico, arbitrário e inconstitucional. [...] Se ninguém no conselho souber, um telefonema para João Lyra filho resolve a coisa. Aliás, a ‘lei’ foi a mesma utilizada na época do êxodo para a Colômbia, e que, depois a FIFA, habilmente, como sempre, contornou e resolveu, trazendo a Colômbia para o seio das filiadas. ‘Decretos’ ou medidas como esta, foram parar em cestas de papéis em todos os países. Na Argentina, o sindicato dos jogadores acabou com isto, porque percebeu que com tal medida seriam obrigados a estacionar. Os próprios dirigentes argentinos também compreenderam e levaram o padrão de seu futebol, de forma a não temer mais concorrência. E aqui, enquanto os campeonatos carioca e paulista forem deficitários e mal-organizados, o êxodo continuará, e os ‘decretos’ aparecendo, apodrecendo e não resolvendo coisa alguma. (SALDANHA, 1961)

CAPÍTULO 2: JOÃO SALDANHA, O CRONISTA

2.1 Crônica e crônica esportiva

O futebol, enquanto objeto, foi de contribuição generosa para a renovação metodológica e prática dos estudos na historiografia e, de forma ampliada, para os estudos das Ciências Humanas e Sociais. Enquanto ofício do historiador, apresentar uma narrativa a partir dele, faz-se necessária ferramentas e fontes que conseguem traduzir o movimento aplicado pelo futebol nas suas amplas áreas de atuação. Assim como deve possibilitar uma análise não factual ou mesmo distópica do assunto.

De registros circunstanciais da literatura, nasce a crônica, que, por sua vez, atende e dialoga com cinesia do futebol. Análogos em sua estruturação, futebol e crônica se constroem diariamente, projetando e evidenciando aquilo e aqueles que são postos ao esquecimento. Os dois, em suas devidas particularidades, expressam o cotidiano de seu povo. A linguagem, a temática e o impacto social gerados permitem que um se construa no outro.

Para isso, faz-se necessário uma breve conceituação e contextualização da crônica enquanto gênero literário. Ligada ao jornal, o gênero crônica, ao contrário do que geralmente se apresenta, não se define de forma simples. Do latim ou do grego (*Chronica* ou *cronikós*, respectivamente), a crônica se liga sempre ao tempo. Não presa ao passado, mas através de noções e interpretações do tempo, a crônica narra a contínua ação do homem no tempo através de seus gestos individuais, subjetivos e cotidianos, mas, assim como no futebol, coletivo. Lida e assistida pelos registros da vida vivida que apresenta sua sociedade, culturase práticas.

[...] era apenas uma seção quase que informativa, um rodapé onde eram publicados pequenos contos, pequenos artigos, ensaios breves, poemas em prosa, tudo enfim que pudesse informar os leitores sobre os acontecimentos daquele dia ou daquela semana, recebendo o nome de *folhetim*. (SÁ, 1987, p.11)

Como colocado acima por Jorge de Sá (1987) há um século, a crônica se via a fazer papel inclusive de crônica histórica, funcional para aquilo que seria a representação temporal dos eventos passados, uma memória escrita.

Ocorre que esse lugar passa a ser insuficiente conforme a chamada modernidade vai chegando ao longo do século XX no Brasil. A modernização das cidades e o novo recorte da imprensa trariam, à crônica, um novo enfoque. Com isso, também, uma nova linguagem e estrutura, que abandonaria as roupagens de folhetim.

Pensando em como a crônica e a História se fundem, temos a primeira enquanto precursora da historiografia moderna. Ambas, em um dado período, encontram-se em uma sociedade na qual a progressividade do tempo, independente do significado e convergências dos fatos, importa-se a calendarização dos mesmos. Rompido o tempo cíclico ou repetitivo, crônica e historiografia abrangem seus espaços de atuação e marcam sua presença. Como analisa o autor Davi Arrigucci (1987) no trecho abaixo:

Preso no calendário dos feitos humanos e não às façanhas dos deuses, mas podendo envolver até a conjunção dos astros (o cronista costumava fazer de astrônomo, dando notícia do que ia pelo céu paralelamente aos acontecimentos terrestres), a crônica pode constituir o testemunho de uma vida, o documento de toda uma época ou um meio de se inscrever a História no texto. Além disso, ao distanciar-se no passado, pode se transformar em fonte da imaginação: gestas românticas e outras formas literárias nasceram dela [...] Nessa acepção da História, o cronista é um narrador da História. (ARRIGUCCI, 1987, p. 52)

O cronista precede o historiador e aqui, não atribuindo relação temporal de surgimento, mas o entendendo enquanto alguém que cumpre papel de descrever fatos. Como destaca Benjamin (1985), o papel vai na contramão da busca do historiador pela análise dos fatos: o cronista até então narra acontecimentos, resgatados e estruturados na memória, na experiência vivida, nas tradições orais, práticas e costumes.

Tendo visto que essa mesma crônica, no Brasil do século XIX, se torna seção de jornal e revista, nada mais comum do que seu debate ser feito em torno do também crescimento da imprensa. Não apenas como uma ponta dela, mas como organismo importante de sua constituição, que, da mesma forma, acompanha a constituição do Brasil enquanto Nação, como a imprensa em geral. A crônica toma seu espaço e, a partir disso, cria um desenvolvimento próprio significativo.

Ainda como trazido por Arrigucci (1987), a crônica por si só é um fato moderno. Situada na fugacidade das novidades trazidas das metrópoles europeias, as crônicas são lidas e produzidas nos grandes centros brasileiros, onde a tomada das indústrias e da lógica da produção chegam ocupando e ditando espaços a serem ocupados. Dos centros urbanos às periferias, a modernização à brasileira atende interesses e distribui papéis de abismos sociais ainda mais gritantes.

Com um espaço tímido nos jornais, a crônica parece estar ali por mera eventualidade, entretenimento. O que talvez não tenha sido compreendido de imediato era o tamanho de seu potencial enquanto texto literário e, por isso, também enquanto fonte histórica, que logo

conseguiria abranger as facetas da sociedade que da à luz. Surge ao cronista moderno a concepção de cotidiano.

Narrando os fatos presentes, já não mais se carrega a crônica em direção ao passado. Vejamos bem, é nesse momento que cronistas e crônicas, como expressões de si mesmos e de suas sociedades, entram a fundo no tempo não cronológico, furtando-se do desgaste do passar dos anos. Algo que vem e se renova no leitor, com teor subjetivo e também coletivo, humano, não deixando de cumprir papel histórico. Essa apreciação só se faz possível pela capacidade da crônica, em geral, de inserção psicológica, histórica e social, através da elaboração de sua linguagem, do humor, da poética e da política. Como toda e qualquer ação desenvolvida pelo homem, a crônica também cumpre interesses.

A construção da crônica que fica posta nos jornais, a partir de então, é a da construção de um texto conciso, fundamentado em questões postas e vindas daquela sociedade, estabelecida através de uma linguagem simples e de textos curtos, reflexo da sua proposta cotidiana. Ela se faz consciência da nossa transitoriedade; dá-se, como traz Jorge de Sá (1987), como a construção de uma casa:

A construção de um texto se dá como a construção de uma casa: cada frase, cada silêncio onde reside a significação a ser descoberta pelo leitor é uma espécie de quarto onde o cronista guarda seus segredos e sua solidão. (SÁ, 1987, p. 17)

Pode-se dizer que a crônica, mesmo originada do francês, adapta-se e narra a realidade brasileira de forma peculiar. Fez-se aqui texto de manifestação. Transitando e resistindo em meio aos eruditos da Literatura, estrutura-se numa realidade próxima a partir de uma ótica atualizada, que, assim sendo, se expressa principalmente nos jornais e revistas enquanto veículos de comunicação de massa. O autor Antonio Candido ainda destaca:

Acho que foi decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus rotineiros e seus mestres. Nos anos 30 de afirmaram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e apareceu aquele que de certo modo seria o cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para esse gênero: Rubem Braga. (CANDIDO, 1980, p. 8-9)

No momento em que a grande imprensa abre espaço a outros gêneros literários, a condição transitória e permeável da crônica amplia suas fronteiras, uma vez que ela pode abranger a temática política, esportiva, ficcional. A flexibilidade dada ao cronista por esse gênero o separa dos outros profissionais da redação. Embora por anos tenha sido considerado

“subclasse” do jornalista, o cronista é um escritor do texto livre. Nesse espaço dá ao texto sua assinatura.

Se já não era fácil considerar a crônica como gênero literário em meio à imprensa, falar de futebol seria ainda mais difícil. Desde o início do século XX, os grandes escritores da sociedade brasileira, como Nelson Rodrigues, Mário Filho, Olavo Bilac, aventuravam-se, vez ou outra, a escrever sobre o futebol. O que não significava haver uma periodicidade de crônicas sobre o assunto. Não haviam especialistas, visto que a própria imprensa esportiva no geral estava em desenvolvimento no país. Propriamente dita, é no *Jornal dos Sports* que surge a crônica esportiva:

O percurso percorrido pelo futebol entre o amadorismo e o profissionalismo tem sua similaridade na trajetória da imprensa esportiva. Até o início da década de 40, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais. Com a atuação de Mário Filho houve a valorização do métier do analista e do repórter esportivo, a partir de seu trabalho com a promoção de competições, eventos notícia e fatos – em suma, do próprio espetáculo. A invenção do profissional, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para atuação do homem na imprensa esportiva. (MELO . 2003, p. 17)

Segundo a autora Losana Hada (2009):

Dentro do gênero crônica, a esportiva passou a ser, provavelmente, o subgênero mais popular e o que mantém a mais estreita relação com seu público, logo, é estabelecida uma relação em que o autor é influenciado pelo seu público, mas também é um forte formador de opinião. (HADA, 2009, p. 33)

O que torna a crônica esportiva ainda mais próxima do real, nesse sentido de proximidade, é sua facilidade de acesso a todo tipo de público através da linguagem e da retomada do cotidiano em suas abordagens, proporcionando ao gênero a maior abrangência e o diálogo com o popular.

Dentro dos jornais, a crônica esportiva ganha espaço juntamente com a imprensa esportiva, no geral, e também com o próprio crescimento e popularização do esporte. Dentro desse espaço delimitado para se abordar o futebol através das crônicas, foi possível criar um campo de trabalho de visão ampliada e ao mesmo tempo democratizar os espaços da escrita. Esse tipo de texto permitiu ao cronista e ao seu leitor se ver enquanto atuante, compreendendo os indivíduos daquela sociedade, suas práticas e hábitos, aproximando criticamente da realidade. Realidade essa vista através de suas expressões políticas, dinâmicas e força social.

Porém, é a partir da década de 1940 que a crônica esportiva passa a ser especializada. Juntamente com ela, novas categorias vão surgindo, como a literária. Há, neste momento, uma

sutil diferença marcada pelas temáticas dos textos, suas disposições e lugares nos periódicos e, principalmente, a tônica de seus autores.

Dentro das crônicas esportivas, ainda como traz a autora Losana Hada (2009), surge uma subdivisão entre seus autores. São eles: *racionalistas* e *apaixonados*. O primeiro grupo vai abordar a parte tática/técnica do futebol e o segundo coloca, em segundo plano, as estatísticas e números em prevalectimento de seus aspectos mais subjetivos. O que nos faz destacar a figura central da discussão desse trabalho, João Saldanha.

Enquanto cronista e jornalista, Saldanha compreende o futebol de maneira a se colocar entre os dois blocos subdivididos na crônica esportiva. Intelectual de seu tempo, João Saldanha ressaltava, dentro do cotidiano do futebol, suas características mais marcantes, trabalhando questões políticas e sociais que abarcavam os times para além das quatro linhas do campo.

De forma que, através de seus textos, despertava não apenas um leitor mais crítico e seletivo, mas sujeitos sociais que compreendiam que, no futebol, encontrava-se um fenômeno nacional capaz de suprir as lacunas deixadas por um país ainda jovem republicano, abolicionista e desmedido em desigualdades sociais. Outros cronistas também ganham destaque nesse período, como os irmãos Mário Filho e Nelson Rodrigues, Armando Nogueira e Sérgio Porto. Esses, diferentemente de Saldanha, buscam a formação de uma identidade nacional para o brasileiro destacando o futebol-arte, ressaltando uma imagem positiva e de soberania que, muitas vezes, fazia vista grossa à realidade.

Embora trabalhando com as crônicas esportivas de João Saldanha, essa pesquisa compreende que a trajetória do jornalista se construiu em diversos âmbitos do futebol, da política e da comunicação em geral. Gaúcho de Alegrete, Saldanha viveu em um meio político. Seu pai, Gaspar Saldanha, foi combatente direto na luta, em 1923, na fronteira entre Brasil e Uruguai. Sua mãe, Jenny Jobim Saldanha, dividia-se entre a luta do marido e a criação dos filhos. Ao ingressar no Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1935, desenvolveu desde tarefas organizativas até militância clandestina.⁹

Saldanha que, ainda muito novo, aos 14 anos se muda para o Rio de Janeiro, passa a construir relações intensas com o futebol, o que o levaria, mais tarde, a adotar o Botafogo como time do coração. Dividido entre os dois núcleos, política e futebol, João Saldanha constrói para si uma visão crítica do país que permeia, posteriormente, toda sua trajetória profissional.

A partir da década de 1950, inicia os estudos em Direito e Jornalismo, ao mesmo tempo em que o futebol se faz presente. Em 1957, foi contratado como técnico do Botafogo e, nesse

⁹ Cf. SIQUEIRA, André Iki. João Saldanha: uma vida em jogo. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 2007

momento, o recorte temporal, assim como as fontes trabalhadas nessa pesquisa, começam a surgir.

Já atuando como jornalista, em 1960, Saldanha ganha destaque nas rádios, passando pela *Rádio Nacional* e *Rádio Guanabara*, comentando e até narrando jogos locais e de projeção nacional. No mesmo período, inicia seus trabalhos na televisão, fazendo parte do programa de mesa redonda vinculada à revista de esportes *Facit*, na *TV Rio*, onde Nelson Rodrigues, ao qual na grande maioria das vezes fazia contraposição, apelidou-o de “João Sem-medo”. Não pela lucidez ao comentar um jogo, mas pela coragem de dizer o que pensava e pelo histórico de histórias mirabolantes. No trecho abaixo de sua biografia escrita por André Iki Siqueira (2007), percebe seu papel ocupado na imprensa da época.

No rádio e na TV, João ia consagrando palavras e pensamentos muito reais do cotidiano das pessoas. Assim, para analisar os motivos de uma renda baixa, ele algumas vezes dizia: - Sacumé, fim de mês, a moçada tá dura. Com ele falando sobre futebol, o torcedor passou a saber que nesse esporte tem catimba, trivela e quizumba. – O João Saldanha era um comentarista com muita personalidade – comentou Vizeu. – Ele tinha a característica de ir direto ao assunto, falando a linguagem do povo. A linguagem que o torcedor queria e gostava de ouvir.

No rádio e na televisão, falava com simplicidade, usava exemplos da vida para comparar com momentos da partida ou a atuação dos jogadores e dos árbitros. Os torcedores se acostumaram a ouvir a voz arranhada de João cumprimentar ouvintes ou telespectadores na abertura de seu comentário: ‘Meus amigos...’. (SIQUEIRA, 2007, p. 222)

2.2 A *Última Hora* e a simbiose jornal-futebol-política

João Saldanha se construiu como o “comentarista que o Brasil consagrou”. Mas foi também nos jornais, enquanto cronista esportivo, onde, por mais tempo, permaneceu consecutivamente atuante e relevante. De dezembro de 1960 até fevereiro de 1969, manteve sua coluna esportiva no jornal *A Última Hora*, escrevendo em formato de crônicas que renderam a fonte de debate desse trabalho.

A fim de entender o lugar em que Saldanha se cria cronista, vale revisitarmos a criação do jornal *A Última Hora*. Fundado e pensado por Samuel Wainer, jornalista que ganha destaque por acompanhar a trajetória política de Getúlio Vargas, foi fundado em 12 de junho de 1951.

O periódico surge, segundo Wainer em seu livro “Minha razão de viver”¹⁰¹⁰, a partir de uma conversa com Getúlio Vargas. O jornal foi financiado por empresários e políticos da

¹⁰ Autobiografia publicada em 1988 por Samuel Wainer. “Minha razão de viver: memórias de um repórter”.

época. O *A Última Hora* foi inicialmente pensado enquanto jornal popular, que, em relação aos outros periódicos que circulavam no país, pudesse colocar o leitor no centro dos acontecimentos políticos e sociais. O que também era novidade foi a estética apresentada por ele, como traz Laurenza (1998, p. 154): “É consenso afirmar que *A Última Hora*, de Samuel Wainer, inovou na diagramação, na temática, e na imagem progressiva de seu jornal, como registra parte da memória da imprensa brasileira.”

Trazendo fortemente a veia mercadológica que vigorava na imprensa do país, trazia-se conteúdo ao qual chamava atenção do leitor, utilizando linguagem prática, com o objetivo de garantir assiduidade. Seu preço era baixo em relação aos outros jornais e sua venda majoritariamente avulsa.

Para não se indispor com a elite, Wainer estrategicamente convidou jornalistas, políticos e militares renomados para compor seu novo investimento. O jornal também promovia diversas promoções e concursos para estabelecer vínculo com seu leitor. Hora dialogando com a elite, hora com o povo. Assim, e através das relações e interesses políticos estabelecidos, *A Última Hora* chegava à diversos estados do Brasil.

João Saldanha estava em ascensão quando entra para o time de jornalistas do *A Última Hora*, em 1960. Sua coluna é, de primeira mão, muito bem aceita pelo público do jornal, e, sem seguir nenhum modelo, Saldanha tinha um estilo próprio ao analisar os jogos. Com pontuações críticas, um humor ácido presente e grande objetividade, o cronista fazia uma comunicação abrangente, com o leitor e também com seus colegas jornalistas, e dialogava com a população a ponto de fazê-los pensadores do país através do futebol.

Na *Última Hora*, João teve oportunidade de trabalhar com feras do jornalismo e, eventualmente, substituir Sérgio Porto, seu amigo de time do Posto 4, cronista que para o público era Stanislaw Ponte Preta. No jornal de Wainer, também estava Nelson Rodrigues e Maneco Muller, que cobria a sociedade. Saldanha chegou à redação, gostou do clima e nunca mais saiu do jornalismo impresso. Ele tinha estilo próprio [...] Foi excelente escritor, tinha um texto de primeira ordem, porque escrevia como falava, era um mestre do coloquial.” (SIQUEIRA. 2007, p. 227)

Durante o período em que João Saldanha escreveu para o jornal *A Última Hora*, o Brasil passava por um contexto de disputa política interna e polarização extrema. Antes mesmo do golpe militar de 1964, ainda em 1961, assumia o presidente João Goulart após a renúncia de Jânio Quadros. Sobre acusações de conspirar a favor do comunismo, seu governo adotava postura considerada progressista e democrata, e previa um projeto político baseado na inclusão social e nas reformas de base. Fruto da radicalização e polarização embaladas pelo mundo dicotômico da Guerra Fria, o cenário nacional se tornou prato cheio para o avanço da direita. Os

militares, que já há algum tempo promoviam investidas perigosas no campo político do país, estabeleceram-se definitivamente levantando a bandeira do nacionalismo, do combate ao comunismo e do restabelecimento da ordem.

Embora o impacto intelectual e cultural do período pré-golpe seja objeto de discussão e discordância na historiografia, figuras como a de João Saldanha vão problematizar o cenário através de suas áreas de atuação. Saldanha se destaca na imprensa esportiva que já, sobre forte tentativa de censura, inicia, sobretudo, a crítica ao autoritarismo político e às instituições, instigando o leitor a pensar sobre seu meio. No âmbito do futebol, Saldanha trazia muitos questionamentos acerca da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), fundada em 1914 com o nome Federação Brasileira de Sports, que foi importante aliada da Ditadura Militar na utilização do futebol enquanto ferramenta para seus governos.

Exemplo da relação futebol e política, João Saldanha, em 1960, é convidado a integrar o corpo jornalístico do jornal que seria lançado pelo PCB (Partido Comunista Brasileiro), como destacado no trecho abaixo:

Era o *Hoje*, um diário que parecia vir pra ficar. O cabeça do jornal era Alberto Passos Guimarães, e, além de João (nomeado diretor administrativo e tesoureiro), a equipe tinha Almir Matos (outro jornalista e membro do Comitê Central) e Luiz Mário Gazzaneo (secretário da redação). João levou até o campeão mundial Didi para assinar uma coluna no *Hoje*, chamada ‘Folha seca’. [...] Mas o jornal, embora muito bem-feito, durou pouco. E João, com sua perspicácia, já percebera que o projeto seria apenas uma aventura. [...] ‘A vaca foi pro brejo’, diria Saldanha, usando uma de duas frases. Essa característica de enxergar antes dos outros, de ser meio visionário, podia não ser dom, podia ser intuição, simples aposta, mas o fato era que acertava muito. No futebol e na política. (SIQUEIRA. 2007, p. 236-237)

Visto seu trabalho na imprensa esportiva e seu reconhecimento notório mesmo diante de um cenário político instável e, posteriormente, golpista, João Saldanha começava a se consolidar “João sem-medo”, de fato. No imaginário popular, só se finalizava o jogo depois de uma análise apimentada de Saldanha.

Traçava um caminho sem volta. Iniciava o combate à imprensa que, mesmo após dois títulos mundiais de futebol (1958 e 1962), noticiavam com certo afastamento o esporte. Enxergado por seus pares com receio por seu apelo popular, Saldanha dedicava e aplaudia o futebol exatamente por essa característica, e, ao contrário, não o abordava como instrumento capaz de distanciamento da realidade, mas como fonte de autonomia popular.

“Ópio do povo”¹¹¹, alienante seriam as taxações combatidas por Saldanha, se contemporâneas. O indivíduo no futebol alcaçaria ascensão, afirmação e participação na sociedade, fossem jogadores, técnicos e torcedores; ninguém estava a quem do futebol no Brasil. Seguem em suas próprias palavras:

Penso que o futebol em nosso país é um fator básico para as classes populares em sua cultura e auto-afirmação, com características que nenhum outro esporte possui. Mas, como qualquer fenômeno da vida social, é contraditório, e suas contradições estão relacionadas com a nossa sociedade. Afinal, não jogamos futebol na Lua. (SALDANHA, 2006, p. 264)

2.3 Crônicas “Sem-medo”

Superando discursos meramente esportivos, o futebol é o que caracteriza, de forma marcante, o Brasil no restante do mundo. Pertencentes à nossa sociedade, assim como traz o historiador Clayton Romano (2015), o futebol deve ser compreendido como fenômeno capaz de explicar o país. Algo também compreendido por João Saldanha.

O fato é que a proliferação do futebol como prática social condiz com a busca de parcela expressiva da sociedade por espaço na vida do país. E como num desaguar de rios, barreiras e interdições econômicas, políticas e culturais tiveram vazão no futebol. Pois lá, dentro das quatro linhas, miserável se revelava gênio e negro, outrora escravo, era coroado rei. Subalternos de toda sorte passaram a ser vistos, outros tantos se viram representados.”(ROMANO, 2015)

Sendo assim, posto caminho seguido por Saldanha, esse trabalho selecionou algumas crônicas compreendidas em uma primeira divisão no período de 1960 a 1969, onde o cronista trabalhou no já mencionado jornal *A Última Hora*, definido pela fase pré-tricampeonato mundial da seleção brasileira. Seguem destacadas por ano as crônicas por esse trabalho escolhidas:

Tabela 1: Crônicas publicadas por João Saldanha.

Crônicas	Datas	Fontes
“Ditaduras no futebol”	13/04/1961	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Política Limitada”	15/04/1961	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”

¹¹ Conceito utilizado por Roberto DaMatta. CF: DAMATTA, Roberto e outros. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

“Técnica e bagunça”	08/05/1961	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Vale-tudo no Pacaembu”	12/06/1961	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Todo mundo está errado”	16/06/1961	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Os cobras do ano”	05/01/1961	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Futebol espetacular”	17/02/1962	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Futebol e samba”	08/03/1962	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Deram “olé” no Santos”	25/03/1963	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Quem tem Pelé, tem tudo”	12/09/1963	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Os melhores do ano”	16/12/1963	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Líbero lá, líbero cá”	06/06/1964	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“O peso da bola”	10/02/1965	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Teimosia perigosa”	24 /08/1965	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Engano”	09/12/1966	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“O melhor do ano”	18/12/1967	https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/ultima-hora/765147 ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”

Fonte: Desenvolvida pelos(as) autores(as).

É necessário deixar posto que as crônicas disponibilizadas para pesquisa nas duas principais fontes desse trabalho, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e o livro “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”, não disponibilizam o ano de 1968 e 1969, uma vez que a censura se faz extremamente presente, principalmente após a promulgação do Ato Institucional número 5, onde a imprensa passa por um violento processo de censura e autocensura, com a presença de censores militares na redação dos jornais. Por isso, a produção, o acesso e a disponibilização é dificultada, limitando a pesquisa por essa fonte.

Na proporção em que são postas essas crônicas de Saldanha sobre o futebol, o jornalismo que o traz através da narrativa do espetáculo não se acanham ao dizer: faça-se política ou futebol. Contraponto. João compõe seu discurso às avessas do que o nacionalismo patriota propunha. Seu texto, diferentemente das crônicas conceituais e transmissões de rádio, não se ancorava na criação de mitos e heróis ou no resultado de uma partida ou campeonato. Trilhava caminho oposto ao caráter épico atribuído ao futebol, questionando personalidades do meio, autoridades e as próprias instituições.

Enquanto organizador da massa trabalhadora, o discurso de João Saldanha nas crônicas se construía de forma simples, como já mencionado, contrariando a erudição de seus pares; mobilizava o de que mais massivo trazia o futebol: o seu caráter popular, sem que fosse posto de fora seu caráter político. Tal formato pode ser visto abaixo. A crônica escrita por João Saldanha para o Jornal *Última Hora* em 16 de Junho de 1961, cujo título é “Todo mundo está errado”:

Está na ordem do dia a questão da necessidade de colocar em atividade a seleção nacional. Mas o ‘carro está pegando’ porque são imersas e quase irremovíveis as dificuldades que essa ideia tem pela frente. Para que fosse possível, seria indispensável que o calendário da CBD coincidisse com os das federações (Campeonato Brasileiro) e com o dos clubes esparramados pelas excursões, ou empenhados nos seus campeonatos. Deve ser levado em conta, principalmente que o campeonato carioca e o paulista não se realizam ao mesmo tempo. Evidentemente, seria ideal que a seleção brasileira disputasse anualmente algumas partidas com adversários de alto gabarito e de forma organizada. Não como foi feito nesses jogos do Chile e Paraguai há pouco tempo. Pois aí, se havia alguém preparado para o confronto eram os chilenos e os paraguaios, e não nós. Estes confrontos quando nossa seleção se apresentou com vários jogadores caindo aos pedaços, de nada serviram a não ser o cumprimento de compromissos do futebol passado. [...] Depois, quando se fala da necessidade de um calendário unificado entre as diferentes regiões do país, aparece sempre um figurão e com ar senhorial sentencia que isto é impossível, que está tudo perfeito e que não há nada a modificar, e que aqui tudo é diferente. Realmente. Nós é que devemos estar certos. Todos os outros países devem estar errados. (SALDANHA, 1961)

No trecho em questão, João Saldanha questiona a inoperância da CBD, atual CBF (Confederação Brasileira de Futebol), em sua preparação para amistosos da seleção. Sua crítica é voltada ao calendário e programação dos jogos e também do Campeonato Nacional. Seu discurso cobra a CBD, enquanto instituição, através de seus dirigentes, que, como primeira entidade nacional de clubes criada, atendia aos interesses dos grandes clubes e seus proprietários, já sinalizando a lógica mercadológica e conservadora a qual encaminha o futebol, escancarada a partir de 1970 e o tricampeonato financiado pela ditadura militar brasileira.

Capaz de produzir significado e não separado da sociedade, o futebol está sujeito as relações de poderes, algo que João Saldanha percebe e utiliza através do lugar ocupado por ele. Neste momento, suas ideias expressas em suas crônicas são fundamentais na definição de grupos incluídos ou esquecidos pela nossa história. Entendendo que não são unânimes ou fixadas, essas contradições podem e vão ser negociadas de acordo com seu tempo. O que Saldanha foi capaz de produzir na sociedade em que escrevia, legitimou e reconheceu seu discurso. Na forma de representar o futebol, a política e os brasileiros, era reconhecido como peça fundamental de articulação, tornando-o organizador social de seu tempo.

Na crônica denominada *Política limitada*, percebemos, em João Saldanha, uma preocupação acerca do desenvolvimento econômico dos clubes brasileiros, ressaltando o atrelamento ao dilema da lógica amadora e apontando suas restrições enquanto possibilidade de manutenção de elencos de qualidade e saúde financeira.

Ao usar o Botafogo como exemplo, este Saldanha pré-copa de 1970, concentrado em questões formativas de pensar não só o jogo, mas a dinâmica e o contexto em que se desenrolavam as atividades futebolísticas na perspectiva brasileira, aponta para a estratégia de formação de elencos com grandes jogadores e que proporcionava ganhos cada vez maiores ao clube alvinegro no final da década de 1950. Nesse sentido, Saldanha mostra aquilo que foi chamado de “loucura” pelo Botafogo, ao investir financeiramente para sustentar um elenco qualificado e como a manutenção do craque Didi, podemos dizer estrelado, era reflexo de uma nova condição material, uma sociedade de consumo e de transformação da divisão do trabalho, fazendo parte de um mercado de bens culturais que se organizava na sociedade naquele momento.

Nesta perspectiva, é preciso compreender que o jornalista não estava somente fazendo uma leitura elogiosa aos métodos botafoguenses; há, sobretudo, uma observação pertinente aos novos meandros em que o futebol nacional, enquanto produto, e os jogadores enquanto profissionais, deveriam responder. Saldanha considera, inclusive, a relação financeira com mercados exteriores, percebendo, em alguma medida, que as relações entre clube, jogador e mercado não eram mais as mesmas, e que este último personagem havia se modificado na conjuntura esportiva internacional. Um novo futebol se apresentava, fruto de novas relações de mercado. Não se trata de um simples louvor à medida botafoguense de excursionar, mas de identificar as contradições materiais que passam a existir entre o futebol nacional, ainda atrelado a organizações incipientes de campeonatos e torneios, e as novas necessidades de um clube de futebol exitoso a partir do começo dos anos de 1960.

É importante ter destaque nesta crônica, que a ideia de profissionalização contida nas linhas de Saldanha não é exatamente a mesma concepção que temos hoje ao tratar do assunto,

e é perfeitamente compressível, quando pensamos na condição e na realidade histórica em que escreve o autor. Na parte final do texto, Saldanha indica o Santos como um clube que seguiu a mesma direção do “glorioso” carioca e ao apontar as contradições já identificadas, e vai além, responsabilizando as federações e “poderes superiores do nosso futebol”.

O Santos FC também seguiu este caminho e parece que muito outros clubes estão dispostos a fazê-lo. A experiência foi boa. Mas todos os temerosos e vacilantes, inclusive o Botafogo. Esta preocupação só desaparecerá quando acabarem estes campeonatos obsoletos e deficitários, que os poderes superiores do nosso futebol-CND, CBD e Federações insistem em impingir aos pobres clubes brasileiros. (SALDANHA, 1961)

Para Saldanha, não se trata, de modo algum, de transferir as responsabilidades destas transformações aos clubes, de forma individual, mas de apresentar novos escopos políticos, menos ligados a lógicas de ganhos políticos coronelistas e interesses das federações. Inegavelmente, João Saldanha apresenta, também, outra contradição: a do enriquecimento das federações e da CDB em contrapartida à exploração dos clubes, seus jogadores e suas torcidas. A menção ao Santos Futebol Clube, feita pelo autor, reforça que um dos objetivos do texto é tecer uma crítica em âmbito nacional, sobretudo ao tratar das organizações futebolística e suas estruturas.

É necessário que pensemos em como a figura de João Saldanha é uma camada fundamental no que está sendo escrito e lido naquele momento. Na figura do cronista esportivo, carregada de complexas características historicamente compreendidas, Saldanha elabora uma reflexão futebolística relevante ao chamado “campo e bola”, mas estabelecendo relações com outras dimensões e contextos, como economia, política internacional e institucionalidade. Vejamos a preocupação do cronista gaúcho em expor seus pontos articulados entre si em um mesmo parágrafo:

Esta política seguiu de vento em popa e com grandes êxitos financeiros e esportivos. O Botafogo passou a ser a grande atração. Os convites só não podiam ser aceitos pela absoluta falta de datas. Mas, em 1957, no começo do campeonato, apareceu o clube espanhol Valencia, oferecendo CR\$ 6 milhões por Didi. Exatamente o jogador que representava o recorde de transferências brasileiras até então. (SALDANHA, 1961)

Cabe destacar a indicação feita por Saldanha sobre a estratégia acertada pelo clube carioca com a excursões e contratações de atletas com alto prestígio, apresentando que as limitações estão filiadas ao espectro administrativo das organizações responsáveis pelo futebol no país. Conclui que o desempenho do atleta Didi representava um ganho econômico relevante e que, em alguma medida, o mercado que se organizava naquele momento já compreendia o futebol em uma perspectiva distinta e em um novo grau de complexidade.

Por um outro viés, sempre partindo da mesma ótica, Saldanha também pensava as diferentes formas de expressão cultural na sociedade brasileira, entendendo-a como uma das importantes dimensões de sua produção política, esportiva e jornalística. Em outra das crônicas escritas pelo destemido João, intitulada *Futebol e Samba* (1962), percebemos a perspectiva social e popular aqui já trabalhada que Saldanha possui. Nessa crônica, ao tratardos problemas de alocação dos desfiles de Carnaval no Rio de Janeiro, o autor traça um paralelo com a prática do futebol no estado fluminense, mostrando como a solução se estabeleceu.

Nesta perspectiva, o texto de Saldanha constrói uma apresentação popular no sentido mais coletivo e político do termo, da festa de fevereiro. Em seguida, indica que tal qual a construção do Maracanã foi uma solução encontrada para dar ao povo o espaço necessário de usufruir do futebol, deve-se promover nas ruas, e somente nelas, um meio de valer o povosua folia. Nas palavras de Saldanha, as escolas de samba não podem mais se espremer em um pequeno trecho da Avenida Rio Branco, no centro de cidade.

É importante aqui elucidar brevemente o histórico da Avenida Rio Branco e sua relação com a população trabalhadora, em que Saldanha se posicionará em seu texto. Existe uma relação do centro da cidade carioca com as camadas populares, a classe trabalhadora em si, marcada por violência, cerceamento e expulsão dos mais pobres. O direito à cidade foi se tornando um privilégio legitimado pelo estado, sobretudo a partir do começo do século XX, em que se ressalte a reforma urbana de Pereira Passos (1907-1910), que criará a chamada Avenida Central, posteriormente chamada de Av. Rio Branco. Na historiografia nacional, esse processo é considerado como um exemplo da chamada *Belle Époque do Rio de Janeiro*. Nas palavras de Vanessa Araújo Andrade:

Aliada às questões econômicas, havia também a questão estética da cidade: ruas tortuosas, casarões depredados, falta de pavimentação e a situação insalubre das moradias mais populares representavam elementos contraditórios aos padrões de modernidade que o governo republicano almejava projetar. Ainda de acordo com André Azevedo (2016), a reforma da região portuária do Rio não era um anseio apenas municipal, mas também era um projeto federal de Rodrigues Alves para melhorias da capital da República, num intuito de modernização e adequação da cidade, conferindo uma nova imagem condizente com seu novo contexto político e econômico, baseado na ascensão da burguesia e a inserção da capital do Brasil na economia internacional através das exportações. Era fundamental, para o presidente, tornar o Brasil atrativo para investimento de capital estrangeiro, e para tal, eventuais investidores necessitavam se deparar com um panorama de modernidade, não só da cidade, mas também das instalações do porto. A reforma da região portuária e central da capital atingiriam duplo objetivo: não só extinguir o ar de antiguidade da urbe colonial, mas também atrair para o centro e suas imediações, até então tidos como área de moradia degradada, uma estrutura comercial mais elegante, afinada com o que se esperava de uma capital moderna. Ao invés de cortiços, lojas finas, confeitarias e livrarias. Não o ‘torvelinho humano que pululava inquieto’, e sim ordem, elegância e riqueza. (ANDRADE, 2018, p. 93)

A partir desse histórico, João Saldanha discorda de uma das propostas em voga para alocar o desfile das escolas de samba: a de usar o Maracanã. Saldanha argumenta que, ao mesmo tempo que isso inviabilizaria as próprias dinâmicas do futebol carioca, tiraria o espaço legítimo de uma festa popular: as ruas. O autor deixa inscrito a necessidade de se respeitar o caráter coletivo que existe no Carnaval, daí o paralelo com o futebol. Vejamos um trecho da crônica em que o jornalismo expõe essa perspectiva:

O samba não teve muita sorte. Para o grandioso espetáculo que representa o desfile das escolas de samba, ainda não foi encontrada solução ideal para que a parte mais interessada possa ver o espetáculo. Não é possível de forma alguma, pretender que meio milhão de pessoas possa caber num trecho da Avenida Rio Branco, com menos de quinhentos metros de extensão. E correndo um perigo muito sério. O resultado é negativo em todos os sentidos. Ninguém consegue ver as escolas. Nem a comissão julgadora. E o pior de tudo é o que é desfile, que a tradicional, está acabando por transformar-se em ‘show’ e não em desfile. Se a parada de Sete de Setembro também fosse feita no trequinho igual, é fácil entender que nem o Ministro da Guerra teria vez. A ideia de levar para o Maracanã é mais infeliz ainda. O local do samba é a rua. Tirar o samba da rua seria o mesmo que fazer futebol em quadra de basquete. (SALDANHA, 1962.)

Saldanha apresenta uma visão carregada da perspectiva histórica por trás do próprio espaço utilizado para os desfiles, mas, além disso, desenvolve um diálogo entre futebol e samba por meio de uma valorização cultural popular e que exige, cada vez mais, espaços para expressão destas “performances”. Aqui não é apenas a proposta de Saldanha de alargar as ruas para o desfile que chama atenção, e sim a postura de um cronista politicamente organizado, militante do Partido Comunista Brasileiro, que receia o distanciamento do Carnaval do povo e a elitização desta festa. Ao temer o “show” ou “teatro” em que poderia a festividade se tornar, João teme a perda da pujança popular, coletiva e organizada que o futebol e o carnaval podem sofrer.

Tratamos aqui de uma crônica imbuída de conhecimento histórico, posicionamento político e ciência da complexidade cultural popular e erudita. O futebol é como uma alegoria explicativa e de posicionamento político de Saldanha, uma ferramenta para enxergar e comunicar, de forma popular, as transformações de uma sociedade desigual.

A partir do golpe de 1964, a direita militar golpista banuiu a participação do povo, seja na sua presença enquanto eleitorado ou até mesmo na sua atuação em movimentos sociais. O restabelecimento do governo civil que havia sido prometido, jamais aconteceu. Ao contrário, a ditadura militar tinha objetivos claros de acumulação de capital e controle nacional aos quais, para serem atingidos, pouco importaria os meios autoritários e violentos que seriam utilizados.

Entre 1964 e 1968 existia uma falsa liberdade de expressão defendida pelo governo da ditadura, uma vez que ela deveria inibir a reação popular, necessitava de aprovação civil para se manter, como traz o autor Marcos Napolitano (2014) no trecho abaixo.

O regime evitava desencadear uma repressão generalizada, à base da violência policial direta e paralegal, como aquela exigida pela extrema-direita militar, sobretudo contra artistas, intelectuais e jornalistas. Os ideólogos e dignatários mais consequentes do governo militar sabiam que não seria possível governar um país complexo e multifacetado sem se apoiar em um sistema político com amplo respaldo civil, e com alguma aceitação na sociedade, principalmente junto à classe média que tinha sido a massa de manobra que legitimara o golpe ‘em nome da democracia’. (NAPOLITANO, 2014, p. 71)

A censura e o autoritarismo já se faziam presentes quando, através dos Atos Institucionais, a ditadura vigorava decretos de ataques às liberdades democráticas. Sendo assim, a censura dos meios de comunicação passaram a ser utilizadas como meio de controle social. Depois de políticos da oposição terem sido cassados, jornalistas e artistas que tentassem denunciar ou questionar a ditadura seriam presos e/ou sumiam repentinamente. Qualquer menção de cunho político-ideológico estampado nos jornais, rádios ou TV seriam severamente punidos. Nas redações, militares estavam apostos para censurarem textos ou notícias que não agradariam ser circuladas, assim como coibir os profissionais nos seus locais de trabalho. Intervenção que ficou ainda pior com a Lei da Imprensa promulgada em 1967.

É nesse contexto que João Saldanha, escrevendo para sua coluna no *A Última Hora*, publica a crônica *Engano* (1966). Nela, Saldanha tem como tema a decisão da Taça Brasil daquele ano entre Cruzeiro e Santos.

Quando acabou o jogo, um colega de uma rádio de Santos dizia: ‘É, quando Zito para, esse time para’. Tremendo engano. O caso é que o Zito já entra parado. A manter o Zito em campo, o Santos deveria chamar o Athiê para o gol. Não dá mais pé e o Santos depende de Pelé e Toninho. Foi assim em Belo Horizonte, e foi mais do que assim em São Paulo. (SALDANHA, 1966)

O cronista faz uma análise provocante do jogo, destacando lances, mas também criticando nomes como o do jogador Zito, destacando o caráter coletivo do futebol quando o faz. Exalta a qualidade do time do Cruzeiro e pontua a importância do título para o futebol mineiro como um todo.

Mas o que de fato merece destaque em sua crônica são seus parágrafos finais, onde Saldanha sutilmente rememora o legado da derrota dita vexatória da seleção brasileira pela Copa do Mundo daquele ano. A seleção havia sido eliminada na primeira fase da competição,

fisicamente massacrada por seus adversários. Pelé saiu de campo carregado, o que gerou muita desconfiança sobre o que ele ainda poderia jogar ou não.

Saldanha era pouco simpático ao jogador, principalmente por Pelé sempre ter se negado a falar sobre o contexto político do país, posado para fotos ao lado dos representantes do governo e até mesmo dialogando com a ditadura. Já nesse momento, os militares começam a compreender o significado do futebol no cotidiano brasileiro e, de forma estratégica, caminha com ele afim de se legitimar.

João Saldanha, talvez em um ato de antecipar ou mesmo despertar o que estaria por vir, arrisca-se a dizer sobre o que a ditadura poderia fazer para a próxima Copa do Mundo, inclusive com sua maior aposta: Pelé.

A vitória do Cruzeiro dará um impulso ainda maior para o futebol de Minas. O Atlético, por exemplo, deve estar mordido e vai tratar dos papéis. Mas com uma coisa não se preocupem: Pelé está muito longe de estar acabado. Ainda carrega aquilo nas costas por muito tempo. Não pode é ganhar sozinho.
(SALDANHA, 1966)

Deste modo, este trabalho compreende que o destacado cronista contribuiu para a construção de uma representação do que é ser brasileiro através do futebol. Que, tão partilhada, cria o sentido de unidade, como uma visão de consenso daquela realidade.

Visto isso, este capítulo levanta, relaciona e discute selecionadas crônicas escritas por João Saldanha no jornal *A Última Hora* compreendendo o período entre 1960 a 1969, pois este dialoga com a ascensão de Saldanha nos impressos, assim com traz parte importante de sua construção, sua forma de escrita e militância através da imprensa.

Essa forma passa a funcionar de maneira diferente quando Saldanha, em fevereiro de 1969, é convidado pela ditadura militar brasileira a comandar a seleção de 1970. A mobilização popular em torno da Copa do Mundo no Brasil é algo de enorme dimensão. Há suspensão de toda e qualquer atividade funcional do país, há mobilização nas ruas e nas praças e não termina ao fim dos jogos. Algo que nos possibilita entender a dimensão do próprio futebol em nossa sociedade.

Compreendido pela ditadura e seus pares, inicia-se um processo de investimento que faria do tricampeonato brasileiro no México, ápice da expressão do futebol no país. Nesse momento são impulsionadas a personificação de heróis em campo, investidas grandes quantias na CBD, acionadas as forças militares para treinamento físico dos jogadores. Foi também mobilizada a imprensa, a publicidade e a propaganda acerca da seleção. Exemplo disso é o

famoso jingle “Pra frente, Brasil”, encomendado pela ditadura para preencher o imaginário. Da cultura de elite à popular, a Copa de 1970 ocupa até hoje um enorme espaço na nossa sociedade.

Noventa milhões em ação
 Pra frente Brasil
 Do meu coração
 Todos juntos vamos
 Pra frente Brasil
 Salve a Seleção
 De repente
 É aquela corrente pra frente
 Parece que todo o Brasil deu a mão
 Todos ligados na mesma emoção
 Tudo é um só coração
 Todos juntos vamos
 Pra frente Brasil!
 Brasil! Salve a Seleção!
 (Miguel Gustavo 1970)

Sendo marco, João Saldanha, comunista e opositor da ditadura, é o nome escolhido para livrar o país do fantasma de 1966. E o faz. É de sua responsabilidade, enquanto técnico, a escalação do elenco que trouxe o título do México. Conhecidos como “As feras do Saldanha”, Pelé, Tostão, Capita e o competente elenco foram campeões invictos naquele 21 de junho de 1970 no Estádio Azteca.

A partir desse ano, João se reinventa. Desde seu convite, em 1969, até sua estranha demissão meses antes do início da competição, Saldanha endurece o combate contra a ditadura, desafiando publicamente o presidente Médici, mas também denunciando ao mundo, junto as viagens com a seleção, as atrocidades praticadas no Brasil.

Fato é que suas inúmeras ações contra a ditadura e sua trajetória na seleção o fizeram adotar uma nova postura que reflete em sua atuação profissional na imprensa. Através de suas crônicas no jornal *O Globo*, onde escreveu de 1970 a 1974, e no *Jornal do Brasil*, de 1976 a 1990, que o próximo capítulo deste trabalho abordará. Pensando em João Saldanha em sua nova fase e também o futebol no Brasil pós-Copa de 1970.

Na prática, João peitara os militares, os cartolas, a direita. Caiu, mas aproveitou a posição de vítima e fez do limão uma limonada. Demitido, definiu um discurso e, dali em diante, trabalhou com ele em todos os microfones e páginas da imprensa:

- Eu sai da seleção porque não aceitei injunções. Sei que eles me chamaram assim como uma espécie de desafio, porque eu era crítico, mas botar genteno meu time, não bota. (SIQUEIRA, 2007, p. 359)

CAPÍTULO 3 – JOÃO SALDANHA E O FUTEBOL.

3.1 “Parafusar algum João”

*Para estufar esse filó
 Como eu sonhei
 Só
 Se eu fosse o Rei
 Para tirar efeito igual ao jogador
 Qual compositor
 Para aplicar uma firula exata, que pintor
 Para emplacar em que pinacoteca, nega
 Pintura mais fundamental
 Que um chute a gol
 Com precisão
 De flecha e folha seca*

*Parafusar algum João
 Na lateral
 Não
 Quando é fatal
 Para avisar a finta enfim
 Quando não é
 Sim
 No contrapé
 Para avançar na vaga geometria, o corredor
 Na paralela do impossível, minha nega
 No sentimento diagonal
 Do homem-gol
 Rasgando o chão
 E costurando a linha*

*Parábola do homem comum
 Roçando o céu
 Um senhor chapéu
 Para delírio das gerais no coliseu
 Mas que rei sou eu
 Para anular a natural catimba do cantor
 Paralisando esta canção capenga, nega
 Para captar o visual
 De um chute a gol
 E a emoção
 Da ideia quando ginga, a-ia-ia*

*Para Mané
 Para Didi, para Mané
 Quando é para Didi, para Mané
 Para Didi, para Pagão
 Para Pelé e Canhoteiro
 Chico Buarque, O Futebol, 1989.*

A relação estabelecida entre João Saldanha e o futebol é íntima, se apresenta nas várias esferas de sua vida e quase não se pode desassociá-las. Fato é que essa vinculação não se dá de forma tradicional. João Saldanha não se constituiu no meio do futebol dentro das quatro linhas. Tenta se tornar jogador, atuando na posição de zagueiro no Botafogo carioca no ano de 1941, sem sucesso. Se lança também como treinador do alvinegro em 1957, porém não permanece encerrando sua passagem em 1960. Sua fonte de ligação com o futebol passa a ser então na crônica.

Enquanto profissão, ser cronista possibilita a interlocução entre o funcionamento e a visão da sociedade a qual ele se insere, e faz análise com o futebol que dela também é pertencente. Como objetivo, essa pesquisa que se encaminha para sua parte final, percorre a visão e a relação entre futebol e política a partir do discurso apresentado nas crônicas de Saldanha. E apreender em recortes de suas fases, sua visão através do futebol, o qual o cronista usa como chave para entender e explicar o Brasil.

Pois bem, esse capítulo se inicia fazendo menção a composição de Chico Buarque “o futebol”, que em diálogo com Saldanha é elo da análise. Como parte da sociedade brasileira, o futebol cria raízes no dia-a-dia das pessoas. É parte importante da história, política e cultura do país. É formador de opinião, é agente de sociabilidade. É Mané, Didi, Pagão, Pelé e Canhoteiro. É sonho de menino o delírio das gerais. Chico Buarque dedica sua música aos seus jogadores preferidos, além de trazer como comparação os jogadores e suas jogadas, narrando uma partida ideal, aos artistas e suas obras.

Para além do que a poética da canção traz, a relação estabelecida com o futebol faz valer o que o antropólogo Roberto DaMatta (1982) analisa enquanto base para o estudo do futebol, onde diz que essa prática se extrapola ao ponto de nos fazer compreender as nuances mais profundas da sociedade.

Por isso, tal como a obra e o artista, o futebol é também João. É crônica e cronista. Para que isso aconteça não foi necessário que João Saldanha estivesse em campo. Ao contrário de onde se concentram as produções acadêmicas sobre ele, sua trajetória e contribuição não acabam na sua pequena passagem enquanto técnico da seleção brasileira em 1969, assim como não se resume a Copa de 1970.

É fato que a dinâmica muda. Como já mencionado no capítulo anterior, sua entrada e saída do cargo de treinador foram contestadas e conturbadas. Por termos um comunista à frente da seleção brasileira em tempos de ditadura militar; pelo futebol ocupar papel importante na

identidade nacional¹²; por ser veículo de denúncia contra a ditadura; por Saldanha apostar em um time em que a coletividade se sobrepunha ao já então rei Pelé. Os motivos são muitos, pouco claros e, ao que parece, confortáveis assim.

Tamanha foi a repercussão desse período, que João Saldanha ficou marcado por ele. Na historiografia, antropologia, ciências sociais ou estudos esportivos, as “feras do Saldanha” marcam um curto período em que o cronista se encontra dentro das quatro linhas. Desde artigos acadêmicos à produções no audiovisual, a breve passagem de Saldanha enquanto técnico da seleção brasileira é bastante destacada, como no trecho abaixo do pesquisador Lucas Toledo (2016).

Tendo em vista as várias possibilidades analíticas proporcionadas pelo objeto, limitamos nossas análises sobre um dos eixos narrativos que compõem a obra, qual seja, o ex técnico da seleção brasileira João Saldanha, um personagem ligado ao comunismo que dirigiu o escrete nacional em plena ditadura militar. Por meio de um diálogo entre a historiografia e o filme documentário, procuramos inserir as abordagens apresentadas pelo filme no bojo das interpretações historiográficas relacionadas ao futebol no Brasil, definindo-o como uma nova narrativa histórica sobre o assunto. (TOLEDO, 2016. p.86)

O estudo acima vai trazer uma análise sobre a passagem de Saldanha pela seleção em 1969 a partir do documentário “Memórias de Chumbo – o futebol nos tempos do condor” (2012), de autoria do historiador Lúcio de Castro. Na pesquisa, Toledo traz que João Saldanha foi parte essencial na construção do título de 1970 e também como personagem importante nos estudos sobre o uso político do futebol.

Fonte de Toledo (2016), o documentário “Memórias de Chumbo – o futebol nos tempos do condor” (2012), também vem contribuir para a historiografia sobre Saldanha e sua passagem como técnico da seleção. O documentário, que contém como fontes de análise depoimentos, contribui para a reconstrução dos fatos que cercam a Copa de 1970 e também para trazer um lugar novo à Saldanha.

O mesmo acontece com a produção de Guterman (2009), que dedica importantes momentos de sua pesquisa de mestrado a analisar o que ele chama de “o caso Saldanha”.

¹² Por identidade nacional entende-se por categoria social construída por sujeitos sociais expressas e percebidas sobre os diferentes aspectos e representações. Que assim são partilhadas no âmbito do Estado Nacional. CF: MORENO, JC. Revisitando o conceito de identidade nacional. In: RODRIGUES, CC., LUCA, TR., and GUIMARÃES, V., orgs. Identidades brasileiras: composições e recomposições [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, pp. 7-29.

João Saldanha, gaúcho como Médici, dirigiu a seleção de 4 de fevereiro de 1969 a 17 de março de 1970. Nesse período, o Brasil se classificou com tranquilidade à Copa do Mundo, batendo todos os seus adversários nas eliminatórias com um futebol ofensivo e destemido, o que valeu ao time o apelido de “Feras do Saldanha”. Sua escolha para o posto de técnico da seleção surpreendeu: afinal, Saldanha era comunista militante. Mas o Brasil vinha de um estrondoso fiasco na Copa de 1966 (fora eliminado na primeira fase), e a CBD, entidade provada, estava sob intensa pressão para renovar a seleção. Era uma jogada arriscada do presidente da CBD, João Havelange, que desde 1969 articulava sua candidatura à presidência da Fifa – um triunfo no México era fundamental às suas pretensões. A opção recaiu sobre Saldanha, então comentarista esportivo de grande prestígio, chamado de “João Sem medo”, por não ter receio de defender seus pontos de vista. A ideia era que, ao dar a vaga de treinador a um de seus principais críticos, a seleção deixaria de ser criticada – um equívoco, como a história mostraria em pouco tempo, porque a comoção em torno da equipe e o fracasso de quatro anos antes eram pesadelos muito maiores do que qualquer um naquela ocasião poderia medir. A seleção era uma bomba-relógio para seu treinador, fosse quem fosse. (GUTERMAN, 2009. p.76)

Seja qual for a hipótese pensada, muitos autores se dedicam a analisar Saldanha na seleção. A autora Lívia Magalhães (2011), uma das primeiras mulheres brasileiras a trabalhar com a temática do futebol também se dedica ao período, ressaltando:

A nona Copa do Mundo foi realizada no México em 1970. A seleção conseguiu a classificação em 1969, antes da chegada de Médici à presidência, sob o comando do jornalista João Alves Jobin Saldanha, ex-técnico do Botafogo do Rio de Janeiro, conhecido principalmente por ser um dos maiores críticos da seleção, além de comunista assumido. Sua escolha como técnico até hoje não foi de todo esclarecida. A versão mais aceita é a de que João Havelange concordou com a opção por Saldanha por duas razões: a primeira, para acalmar a imprensa, que tanto atacava a seleção, colocando logo um dos maiores críticos como técnico; a segunda seria por conta de sua popularidade (RODRIGUES, 2007). Em um primeiro momento, a escolha parecia acertada. A seleção, conhecida como “as feras de Saldanha”, classificou-se para a Copa sem dificuldades. Mas os problemas não tardaram. Um dos principais conflitos do técnico teria sido diretamente com o Presidente Médici, que todos sabiam ser um fanático por futebol. O Presidente achava que o jogador Dario, do Atlético Mineiro, deveria ser escalado para a seleção. [...] Também preocupava os militares a imagem do próprio regime, já que boatos afirmavam que o técnico levava documentos para o exterior denunciando a violência do governo, o que era constantemente negado oficialmente. Para piorar a situação, Saldanha desentendeu-se com a estrela da seleção, Pelé. [...] Até hoje, tanto a contratação como a saída de Saldanha permanecem como incógnitas do mundo esportivo brasileiro. O treinador foi afastado e, em seu lugar, assumiu o ex jogador e bicampeão Mário Jorge Lobo Zagallo, quem afirma que não houve qualquer interferência do regime na seleção. (MAGALHÃES, 2011. p. 4)

A autora analisa também a trajetória de João Saldanha a partir do episódio da Copa de 1970, trazendo hipóteses sobre o motivo de sua escalção para técnico da seleção naquele ano. Para além de sua assertividade, a autora constrói e destaca esse recorte periódico da carreira do jornalista.

Além das produções acadêmicas destacam-se jornais e sites de prestígios que escrevem sobre João Saldanha e seu trabalho com as feras. Abaixo a trecho do Jornal *El País* de 03 de julho de 2017, em comemoração ao seu centenário. A matéria teve como título: “João Saldanha, o técnico que atormentou a ditadura” e embora traga no corpo de sua narrativa um apanhado da vida de Saldanha, seu destaque é para sua passagem pela seleção brasileira em 1970.

Em fevereiro de 1969, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual CBF, surpreendeu ao anunciar Saldanha como o novo técnico da seleção. Alinhada ao regime militar por meio da Comissão de Desportos do Exército, a CBD, mesmo ciente da militância de esquerda do jornalista, resolveu apostar em seu nome na tentativa de sufocar a forte crítica da imprensa que recaía sobre o escrete nacional. [...] Apesar do sucesso e da popularidade como treinador, Saldanha não deixou de atacar a ditadura, principalmente após a ascensão do general Emílio Garrastazu Médici ao poder. [...] Ele montou um dossiê, em que citava mais de 3.000 presos políticos e centenas de mortos e torturados pela ditadura brasileira, e o distribuiu a autoridades internacionais em sua passagem pelo México na ocasião do sorteio dos grupos da Copa, em janeiro de 1970. Desde então, o governo de Médici iniciaria um esforço velado nos bastidores para derrubar João Saldanha do cargo. Em março, o treinador foi questionado por um repórter sobre o pedido do general, que, assim como ele, era gaúcho e gremista, para convocar o atacante Dario, o Dadá Maravilha, do Atlético Mineiro. Saldanha não pestanejou: “Ele [Médici] escala o ministério, eu convoco a seleção”. Duas semanas depois de sua resposta atrevida, foi demitido da seleção e deu lugar a Zagallo, que, em poucos meses, conduziria “as feras do Saldanha” ao tricampeonato mundial. (PIRES, 2017)

Outro artigo que tem João Saldanha como tema e que também destaca sua passagem pela seleção brasileira na Copa de 1970 é o site *Ludopédio*, dedicado a debates sobre futebol e outros esportes. O artigo de 31 de março de 2021 tem como título: “João Saldanha, o João Sem Medo de ditadura”.

Mesmo com esses resultados brilhantes, João Saldanha não chegou a treinar a Seleção Canarinho no México em 1970. Foi demitido apenas 1 ano e 1 mês depois de convocar a seleção pela primeira vez e a menos de 2 meses da estreia na Copa. O motivo: uma discussão pública com o ditador do Brasil na época, Emílio Garrastazu Médici. O general/torcedor cobrou via imprensa a convocação de Dadá Maravilha, centroavante goleador do Galo. João Saldanha, também pela imprensa, respondeu com toda sua irascível coragem e retórica perfeita:

“O Brasil tem 80 ou 90 milhões de torcedores, de gente que gosta de futebol. É um direito que todos têm. Aliás, eu e o presidente, ou o presidente e eu, temos muitas coisas em comum. Somos gaúchos, somos gremistas, gostamos de futebol e nem eu escalo ministério nem o presidente escala time. Você tá vendo que nos entendemos muito bem?!”. A declaração caiu como uma bomba na ditadura e com essa frase João Saldanha alterou a ordem da política brasileira. Ninguém antes havia tido a coragem de enfrentar a ditadura assim, ainda mais estando num posto de tanta evidência no exterior. (BRANDÃO, 2021)

São nas produções nacionais e também internacionais, Saldanha é reconhecido pelo período em que ficou enquanto treinador do Brasil. Quando anunciado, as expectativas eram grandes sobre o técnico e os olhares ainda maiores para a seleção. O trabalho da imprensa na época teve grande impacto sobre o destaque para esse período na carreira de Saldanha até os dias de hoje. A foto abaixo mostra João Havelange (na ponta da mesa) em reunião com João Saldanha na sede da CBD para anunciá-lo como novo técnico da seleção brasileira em fevereiro de 1969.

Imagem 3 – João Havelange e João Saldanha reunidos na sede da CBD em 1970.



Fonte: SIQUEIRA, André Iki. **João Saldanha:** uma vida em jogo. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 2007.

Esse período projeta sua imagem nacional e internacionalmente e torna seu reconhecimento relevante. De fato, é um período relevante para sua trajetória, uma vez que sua atuação e o diálogo que estabelece entre futebol e política se acirra após sua demissão. Virada a década, Saldanha se encontra ainda mais feroz em suas crônicas e em suas diversas comunicações com o público. Se há a intenção de que ele se faça um sujeito do e para o futebol, essa pesquisa o vê também fora de campo.

3.2. “Para avançar na vaga geometria”

Após sua saída do cargo de técnico, Saldanha retorna rapidamente aos jornais, alimentando suas colunas, mas também, como bom acompanhante do desenvolvimento das mídias, vai a fundo atuar nos programas de televisão e nas rádios. Através da linguagem mais

direta e, de certa forma ainda mais incisiva, o cronista vê na sua passagem o viés político escancarada no futebol. Também de forma nada discreta, faz sua leitura sobre o caso apontando as lacunas desse diálogo.

Imagem 4 – Capa do Jornal *O Globo* (18/03/1970), com o anúncio da saída de João Saldanha.



Fonte: Acervo digital O Globo – disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019740704> acesso em: 13/05/2023

A imprensa noticiava sua saída com um certo mistério sobre o que havia acontecido, ainda sobre censura, Saldanha falava agora não mais e nem apenas como treinador, mas como um homem político a todo tempo. Nas letras menores que se seguem na primeira capa do jornal *O Globo* acima, Saldanha declara: “Não me demiti. Fui demitido. Saio com a consciência tranquila. Fiz o que pude para conduzir a seleção pelo melhor caminho”.

Assim como suas declarações passaram a criticar o que havia se formado em torno da Copa do Mundo de 1970 e o governo da ditadura, as suas crônicas se tornam ainda mais uma ferramenta que faz João Saldanha realidade através do futebol. E vice-versa.

Mesmo nata, a relação entre futebol e política na perspectiva de Saldanha se revela ainda mais assídua. Já fazia parte da sua visão e então do corpo de seu texto, estabelecendo assim seu discurso com o público. A exemplo disso pode-se conferir nas crônicas já citadas no capítulo anterior, como “Todo mundo está errado”, “Ditaduras no futebol”, “Futebol e Samba”, “Política ilimitada” e “Engano”.

O que passa a ser remodelado pelo cronista, intencionalmente ou não, é a forma de entregar ao público a relação já estabelecida no futebol por ele. Em função profissional, o cronista, de acordo com Marcelino Rodrigues Silva (2022) apresenta características próprias do diálogo entre literatura e jornalismo. Saldanha inicia uma leitura e análise que acompanha uma sociedade diretamente vinculada ao futebol, porém, assim como ele, assumindo novos rumos, compreendendo transformações e rupturas.

A sua primeira crônica quando retorna aos jornais impressos, em 1970, foi no Jornal *O Globo*, datada do dia 23 de fevereiro de 1970, meses após sua saída da seleção. Abaixo a primeira capa da edição anunciando a estreia de João Saldanha no jornal.

Imagem 5 – Recorte de capa do Jornal *O Globo* (23/02/1970).



Fonte: Acervo Digital Jornal O Globo – disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019740704> acesso em: 13/05/2023.

O título da crônica que se segue na edição é “Pequeno anúncio”, nela é possível perceber a preocupação de João Saldanha em relação a condição física e o tratamento médico imputado aos jogadores. O cronista trata do caso, como referência “a onda que vem do Santos”, do goleiro Cláudio que imediatamente ao chegar ao clube é escalado para o time titular vindo de um procedimento de extração de líquido do joelho. Não se obteve informações à época do médico responsável por tal procedimento e nem sobre uma avaliação do estado físico do jogador.

Mas, vamos à onda que vem de Santos. O caso é o Cláudio, que veio para as eliminatórias com uma ficha que fala em peso, idade, altura e outras coisinhas. Na véspera lhe fizeram uma punção extraíndo líquido do joelho. Quem fez não sei. Mas sei que por dever, já não digo de ética, mas de coleguismo isso deveria ser comunicado. Particularmente, com respeito ao Cláudio, reafirmo que é crime tentar colocar em campo este magnífico goleiro, antes de um sério processo de recuperação que, como se sabe, é demorado. (O Globo, 23/02/1970, p. 3)

A crítica de Saldanha através do caso do goleiro Cláudio vem para denunciar problema maior que era prática não só no futebol brasileiro. Aqui com o aval e exemplo da CBD, responsável pela direção da seleção brasileira, submetia jogadores à procedimentos e tratamentos médicos que à custo de sua saúde física os colocaria aptos para estarem em campo sem que suas reais lesões fossem tratadas e/ou tratadas para alívio de dor e reestabelecimento momentâneo.

João Saldanha relata casos do futebol internacional e instiga a CBD com o exemplo do caso de Tostão. A prática médica nos clubes e seleções mesmo não sendo nenhuma novidade para época, à medida em que se tornava mais cruel e recorrente, denunciava também o caráter mercadológico que já apresentava sinais no futebol. Para alimentar a disputa e os ganhos dos clubes, os jogadores passam a ter assistência que permita que eles executem sua função mesmo não se apresentando em condições físicas seguras. Essa assistência, por vezes assanhada pela imprensa que trazia inúmeros especialistas para analisar de longe os casos, de especialista não era, o que interesse era realocar de volta o jogador a seu posto. Ao passo que o tempo de recuperação era considerado perdido, assim como os lucros obtidos. A dúvida, não tão complexa assim de ser sanada é: quem é que ganha com isso?

Mas não há de ser nada. Também reafirmo que o médico não deve ganhar “bicho”. Nem técnico, nem massagista. Ficam todos assodados e as vezes querem um jogador reestabelecidos antes da hora. O próprio jogador ganhar “bicho” é um caso a estudar. O diabo é que a seleção promove e todo mundo quer uma casquinha. Entretanto, para tentar atenuar um pouco a coisa, proponho um honroso acordo entre os interessados: colocarei diariamente nesta coluna, um pequeno anúncio- dentro da maior ética do pequeno anúncio- dando apenas o nome, especialidade, endereço e horário de atendimento. Se

conveniente para o interessado, o preço. Até amanhã. (O globo, 23/02/1970. p. 3)

O caráter crítico, hiperbólico, com adjetivações vistas como rudes e desafiadoras na linguagem do texto de Saldanha, revelam uma relação ainda mais estreita com o contexto nacional. Se ainda houvesse vínculo com o tratamento do futebol como mero esporte, Saldanha tratava de finda-lo.

Neste momento o cronista se transforma também ao adaptar-se aos meios de comunicação que despontam em audiência no país: a não tão jovem assim Rádio e aos programas esportivos da televisão. Tal fato, em conjunto, pode ser apontado como marco transicional na história de João Saldanha. Uma vez que representa o dinamicismo de seu trabalho com o futebol. Assim como outros cronistas de destaque na área esportiva como Nelson Rodrigues, Saldanha não se limita às vias únicas para a comunicação. Sendo possível compreender que seu papel é de disputa política, impossibilitando limitações e caminhando de acordo com as demandas da sua própria sociedade.

Sua atuação no Rádio e na TV o aproxima ainda mais de Nelson Rodrigues. Romancista nato, cronista, jornalista, teatrólogo, Rodrigues já conhecia Saldanha pela temática do futebol. Caminha pelos mesmos veículos e muitas vezes dividindo até a a mesma bancada. Os dois, em contato com seu público, possibilitavam uma estreita relação em que as forças de poder são colocadas frente a frente. O público leitor que frequentava os estádios ou que fazia do futebol seu cotidiano é grande influenciador e formador de opinião ao trabalho dos jornalistas/cronistas.

Aos pares, Saldanha e Rodrigues dialogavam quando partilhavam da leitura de compromisso social e político do futebol para com nosso contexto histórico. Logicamente, cronistas esportivos por profissão e paixão (o que também compartilhavam pelo futebol), acabariam sendo colocados em times opostos. Rodrigues nutria relação muito próxima à grupos de literatos e artistas renomados do país, vindo da elite, Nelson constrói desde muito cedo sua relação com a escrita, compreendendo formulações que extrapolam a estética jornalística. Que além, estabelece relações performáticas ao futebol, percebendo seu caráter político e dele construindo a imagem que conhecemos do futebol arte.

Metaforicamente ou não, Nelson Rodrigues analisa sim um futebol para além das quatro linhas, mas se contrapõe a João Saldanha ao romantizar e heroicizar a narrativa. Sua característica folhetinesca, como adjetiva José Carlos Marques (2012) justifica sua estruturação.

Diante de um espaço livre de associação e de uso repetido e exagerado das imagens, Nelson e permite, com o passar do tempo, estabelecer “certas fórmulas” de composição que se aproximam da estrutura do folhetim [...] Esse processo folhetinesco e novelo-televisivo agiria por meio de uma força centrífuga e centrípeta, de recuo e avanço com relação ao centro. Daí a adição de infinitos enredos paralelos, que estariam vinculados a um elemento pertencente ao enredo principal, e que só se desvendariam para serem recuperados no final. (MARQUES, 2012. p. 84-85)

A similitude no estilo de comunicação de ambos, nas presenças e exageros, no distanciamento do público ao qual dialogavam e no produto produzido a partir do futebol destacaram seus papéis.

Distintos, porém confluentes, essa relação dicotômica também confere à Saldanha notoriedade como alternativa na imprensa esportiva, como uma possibilidade de leitura e retorno social do futebol e sua sociedade. Por isso talvez, Saldanha tenha sido apelidado por Rodrigues de João Sem Medo.

Posteriormente e com herança da sua breve passagem pela seleção brasileira em 1969, Saldanha se arrisca a entrar para a nova mídia em ascensão e também conquistada pelo futebol brasileiro, se tornando uma figura multimidiática.

Pela Copa de 1970 lhe coube atuar como comentarista, desempenhando papel fundamental nas transmissões. Saldanha foi selecionado pela TV Globo para fazer parte da equipe de comentaristas que transmitiriam os jogos da Copa do Mundo realizada no México. O que a imprensa e seus pares destacavam era seu carisma e sua capacidade de transmitir emoção através de suas palavras o tornaram um dos destaques da cobertura esportiva na época.

Imagem 6 – João Saldanha assina contrato com a TV Globo em 1970.



Fonte: SIQUEIRA, André Iki. **João Saldanha:** uma vida em jogo. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 2007.

Na imagem João Saldanha assina seu contrato com a TV Globo para a transmissão da Copa do Mundo de 1970. Da esquerda para direita estão Walter Clark, Waldir Amaral e Nelson Rodrigues.

- O João Saldanha era um comentarista com muita personalidade – comentou Vizeu. – Ele tinha a característica de ir direto ao assunto, falando a linguagem do povo. A linguagem que o torcedor queria e gostava de ouvir. Na rádio e na televisão, falava com simplicidade, usava exemplos da vida para comparar com momentos da partida ou atuação dos jogadores e árbitros. Os torcedores se acostumaram a ouvir a voz arranhada de João cumprimentar ouvintes ou telespectadores na abertura de seu comentário: “Meus amigos...” (SIQUEIRA, 2007. p.223)

Durante as transmissões, Saldanha se destacava por sua abordagem autêntica. Saldanha também se destacava por suas análises táticas e suas opiniões corajosas. Suas ideias nem sempre estavam de acordo com o que o futebol brasileiro estava encarregado de transmitir a população e defender suas convicções foi marca registrada, mesmo que fossem contrárias às opiniões populares. A postura independente conquistou o respeito dos telespectadores e solidificou sua reputação como um dos mais respeitados comentaristas esportivos do Brasil.

Sua participação na Copa do Mundo de 1970 não apenas marcou um ponto alto em sua carreira como comentarista esportivo, mas também deixou um legado duradouro. As transmissões daquele torneio se tornaram um marco na história da televisão brasileira, por ser a primeira Copa televisionada e por selar um compromisso ainda mais vivo entre futebol e o povo brasileiro.

Imagem 7 – João Saldanha atuando como comentarista na cobertura da Copa de 1970.



Fonte: SIQUEIRA, André Iki. **João Saldanha: uma vida em jogo.** São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 2007.

Representado na imagem, está João Saldanha como comentarista da Copa do Mundo de 1970 ao lado de Ruy Porto. A imagem mostra sua atuação para além das quatro linhas logo após sua saída do cargo de técnico da seleção brasileira.

Após a Copa do Mundo de 1970, um dos primeiros programas de televisão estreado por João Saldanha foi o "Dois Minutos". Esse programa foi ao ar na TV Globo, emissora em ascensão na época, e marcou o retorno de Saldanha à televisão como comentarista esportivo. No "Dois Minutos", Saldanha trazia sua análise crítica sobre o mundo do futebol, discutindo os principais jogos, jogadores e eventos esportivos da época, assim como seus impactos no cenário nacional.

Com popularidade em ascensão, João recebeu convite de Walter Clark em 1972, para fazer o Dois Minutos, um programa diário em que comentaria o futebol e o esporte em geral – *Em 1966, parece que foi por aí, o Walter Clark foi para a TV Globo e me levou. Eu fiquei lá por uns dez ou onze anos, fazendo todo dia o Dois Minutos. Depois mudaram o nome para Bate Pronto.* (SIQUEIRA, 2007. p. 229)

Sua trajetória nos dois meios de comunicação não impressos, rádio e TV, é vasta atuando como comentarista na Rádio Guanabara nos anos 1960, na Rádio Globo nos anos de 1970 e Rádio Jornal do Brasil anos de 1980. Na TV permaneceu nos anos de 1970 na TV Globo e nas décadas de 1980 e 1990 na TV Manchete.

Seu impacto na TV brasileira entre os anos que seguiram 1970 vai além do mundo esportivo. João Saldanha foi um marco para a cultura popular, sendo figura caricata nos mais diversos tipos de programas e de temáticas. um personagem amado pelos brasileiros que acompanhavam suas transmissões e comentários com entusiasmo. Ele foi capaz de unir o país em torno do futebol, transformando as partidas em eventos emocionantes e compartilhando suas paixões e emoções com a audiência.

Além disso, João Saldanha também encontrou uma plataforma alternativa na qual poderia expressar suas ideias e visões sobre o futebol: as palestras e conferências. Ele percorreu o país, participando de eventos e compartilhando seu conhecimento com estudantes, fãs de esportes e profissionais da área. Saldanha testemunhou as inúmeras transformações no cenário esportivo brasileiro, que nascido esporte elitista e conquistado pelo popular, já não mais pode ser considerado como algo genuíno, mas sim marcado pela crescente ótica mercadológica imputada principalmente pela ditadura militar nos mais diversos âmbitos da sociedade brasileira. Que, mesmo vencidos os 21 anos de ditadura militar, ainda sofre as consequências de sua história. Sempre atento e analítico, ele soube se adaptar às mudanças, mantendo-se relevante e proporcionando uma perspectiva ampla e crítica aos espectadores e ouvintes.

3.3. “Para delírio das gerais”

Mesmo às pontas, Saldanha também demonstrou interesse e conhecimento em outras modalidades esportivas, como o automobilismo. Opinava sobre tudo. Sua curiosidade e versatilidade o levaram a explorar diferentes campos, ampliando sua compreensão do universo esportivo e enriquecendo sua abordagem jornalística.

Fato é que ao mesmo tempo em que se fazia nas rádios e programas de televisão, João Saldanha não se retira do diálogo em suas crônicas nos jornais. Após 1970 segue escrevendo

diariamente no jornal *O Globo* (1970-1974), aqui já mencionado, *Jornal Do Brasil* (1976-1990) e Revista Placar (1979-1980). Nas crônicas que se seguem, esse trabalho analisa as listadas na tabela abaixo, que foram selecionadas pela temática em que se coloca a seleção brasileira em discussão em algum momento do texto. Uma vez que ela se torna cenário dessa pesquisa.

Tabela 2 – Crônicas publicadas por João Saldanha.

Crônica	Data	Fonte
“Pequeno anúncio”	23/02/1970	https://acervo.oglobo.globo.com/ ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Já era esperado”	04/07/1974	https://acervo.oglobo.globo.com/ ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Brasil na retranca”	11/02/1976	https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Chave inglesa”	24/05/1976	https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Vinte e um votos contra dois”	19/02/1977	https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Pagou pelo que não fez”	26/06/1978	https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Entre Sócrates e Zico, fico com os dois”	06/04/1979	https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“O doutor fez muita falta”	03/08/1979	https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Praticamos um futebol covarde”	12/01/1981	https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
“Um jogo dramático”	20/05/1981	https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”
O limite da estupidez	06/07/1982	https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC ou “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”

Dentre elas, e parafraseando Alexandre Mesquita (2017) no prefácio que faz à obra “As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha”, em comemoração ao seu centenário, Saldanha se apresenta como uma metralhadora giratória contra dirigentes, técnicos, médicos e até mesmo jogadores.

Como de costume nas crônicas o cotidiano e rotineiro seguem acompanhando as análises de João Saldanha. Hora tratando da relação pai-filho e da hierarquia estabelecida para

falar da desorganização dos campeonatos. Hora do momento do futebol brasileiro para falar do Brasil “retranca” e o uso dos volantes.

O adjetivo de futebol covarde, marcando sua posição frente a qualquer campeonato em que a seleção entre em campo. Das copas às taças que não eram de tamanho prestígio, Saldanha fazia sua leitura do futebol e do contexto do brasileiro analisando todos os âmbitos da sua sociedade: Político, social, cultural e econômico.

A crônica de 4 de julho de 1974 vai falar sobre a derrota do Brasil para Holanda na Copa do Mundo, perdendo a vaga para a final do mundial daquele ano. O cronista a intitula de “Já era esperado”.

Creio que ninguém ficou surpreso em nossa derrota ante o time holandês. Por sinal, que deve ser considerado lucro termos chegado até às finais de Munique. Terceiro ou quarto lugar, dentro das circunstâncias foi bom negócio, quando tivemos ameaçados de voltar logo no primeiro turno. (O Globo, 04/07/1974, p. 25)

Saldanha apresenta sua indignação frente à derrota brasileira, porém não se coloca surpresa, haja vista que há algum tempo vinha criticando o desempenho do time que, segundo ele tinha um estilo de jogo “preso” e covarde.

A crítica vinha também de seus desentendimentos com a CBD. Há quem diga que Saldanha o episódio da demissão de 1970. Mas o que há de se constatar é que a leitura do cronista o encaminhava para as lacunas que o futebol passou a apresentar. Se em 1970 se faz ferramenta de unidade e identificação popular em grandes escalas, a partir disso se vê tomado pelo mesmo sucesso que o tornaria ainda mais lucrativo para clubes e empresários. Se hoje a lógica mercadológica assusta com as grandes transações, holofotes, publicidades e campeonatos financiados por casas de apostas, antes, nas décadas de 1970 e 1980, esses movimentos já apresentavam seus primeiros passos. Frente ao próprio sucesso do tricampeonato e do incentivo forte da ditadura, que já o via como produto rentável. Saldanha fazia a leitura e a denúncia.

A Holanda mereceu a vitória. Marcava homem a homem e não era sua culpa se nossos homens, que deveriam atacar recuavam. Merece a Holanda ir à final junto com a Alemanha. Foram os melhores até agora. Mas Dirceu em vez de marcar Cruyff marcou Francisco Marinho e Valdomiro a Zé Maria. Paciência. (O Globo, 04/07/1974, p. 25)

O que se aplicava a seleção, aplicava também aos times nacionais. Saldanha fez frente aos times que jogavam na defensiva, deixando exposto e sem opções o jogador da frente, do

gol. A crítica era destinada também a Zagallo, técnico da seleção de 1974 e que esteve a frente do time de 1970 na saída de João Saldanha. O cronista apostava que o Brasil estava dominado por uma onda crescente dos “volantes” cada vez mais defensivos e pouco ofensivos. Característica que o fazia no futebol e na luta. A crítica se estende por anos, como destacado em sua outra crônica, já no *Jornal do Brasil* em 11 de fevereiro de 1976.

Penso que uma tática padrão, mal aplicada, está sendo o principal responsável pelo futebol-retranca que se joga atualmente no Brasil. Refiro-me à tática do 4-1-2-3. Ou a tática do homem de primeiro combate [...] Por isso só dá zero a zero, um a zero, um a um que representam mais de sessenta por cento dos resultados do futebol brasileiro. (MESQUITA, OLIVEIRA, GUIMARAES, 2017. p. 87-88)

Já estabelecido entre os cronistas aclamados no Brasil, nesse momento Saldanha já se integra parte essencial do futebol brasileiro através das palavras. Norteado por uma leitura ampla, crítica e partidária, em seu sentido de posicionamento, João Saldanha pode ser desvinculado a sua rápida passagem como técnico da seleção brasileira em 1969. Não porque tal fato não seja relevante me sua trajetória, mas em sua amplitude, também não pode se restringir à ela.

João Saldanha é cronista nato e ali faz parte importante na sua permanência e construção enquanto sujeito do e para o futebol. Sua atuação se dá até sua morte em 1990 na Itália, onde cobrindo a Copa do Mundo daquele ano morreu em decorrência de um enfisema pulmonar.

Para este trabalho, que não se propõe a trazer toda a sua vida e nem se atenta a uma linearidade, início ou fim dos fatos, Saldanha constantemente se apresenta interlocutor e agente ativo no futebol e na política, ressaltando a ligação dos dois. Mostra isso novamente ao escrever sua crônica sobre a derrota do Brasil na Copa do Mundo da Espanha em 1982, onde além do futebol crítico, político e combativo, Saldanha agrega outro fator, essencial, que permeia essa relação: paixão. O cronista, sem esconder o que sentimento que a derrota havia-lhe causado, nem o que nutria pelo futebol brasileiro, escreve no *Jornal do Brasil* na crônica intitulada “O limite da estupidez”:

Sim, Zico, Sócrates, Júnior e Cerezo e este estupendo Falcão sempre estiveram muito bem. Mas até carregadores de piano cansam quando fazem esforços acima de sua capacidade. Nosso time, com a tão decantada preparação especial, estava muito cansado no final do jogo. De um lado existe algo positivo que é a desmistificação do charlatanismo. [...] Se chegamos à uma posição tão elevada, devemos à qualidade de quatro ou cinco jogadores excepcionais, mas cuja capacidade física também tem seus limites. A Copa não era difícil de ganhar. Mas a teimosia superou tudo. [...] Não deixo de assinalar que faltou um pouco de modéstia quando empatamos ontem em 2 a 2. Alguém andou rebolando ali, e o time italiano, que estava melhor fisicamente do que o nosso, veio para cima e pode ganhar. Paciência. Mas a estupidez tem um limite de tolerância. (SIQUEIRA, p.442-443)

Permeado pela paixão, mas também por uma leitura real e crítica do futebol, João Saldanha segue em seu papel de cronista mesmo depois da amarga derrota de 1982. Vivo também através desse esporte, Saldanha não chegou a assistir o tetracampeonato brasileiro de 1994, sequer o penta em 2002, mas se fez presente quando o sentimento de unidade se reapresenta na torcida que aguarda efervescente a volta dos jogadores com a taça. Vivo através do futebol, Saldanha dá seu “chute a gol” contribuindo com a construção de um futebol entranhado na sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Mas que rei sou eu?”

Para o historiador, trabalhar a imprensa enquanto fonte é uma possibilidade de materializar e analisar determinado tempo histórico e sua sociedade. Através do trabalho com periódicos, como se faz nessa pesquisa, é possível apurar as esferas política, econômica e social do período. Assim como os agentes e seus papéis ocupados ao longo do processo. As memórias e os discursos construídos também são passíveis de análise com a utilização dessa fonte.

Se dentro da História em sua forma tradicional o resgate dos fatos e heróis era função, com a utilização da imprensa foi possível apurar a construção dos caminhos. A preocupação com a compreensão das diferentes interpretações passa a ser possíveis através das representações e das leituras feitas pelos agentes de seu próprio tempo.

Entendendo que nesse processo a imparcialidade não é possível, uma vez que tanto os sujeitos históricos que compõem a imprensa, tanto o historiador que fará sua análise são sujeitos com consciência histórica constituída, que pertencem a determinada classe social e que, por fim, suprem determinados interesses.

A modernidade vai trazer ao mundo novas configurações sociais, que exigem uma circulação cada vez mais rápida de informações e posicionamentos. O consumo de notícias, as comunicações entre os centros urbanos modernos, as movimentações econômicas e relações sociais demandam urgência no papel da imprensa.

No Brasil não é diferente, a chegada das indústrias mesmo que tardiamente, a vinda dos imigrantes e um cenário de disputa político-partidária acirrada exige da imprensa uma nova roupagem.

Ao longo dos séculos XIX e XX, dividida em duas frentes, cresce a imprensa voltada ao mercado, ressaltando a cultura do consumo e da informação produto, que incentivava a neutralidade como forma de controle social. Em contrapartida, havia parte dela que se fazia combativa e parcial, que reunia líderes políticos, pessoas ligadas aos movimentos sociais e até representantes do operariado urbano.

A imprensa esportiva que surge tímida ao futebol, também se mantém conectada com as transformações do país. Uma vez que nesse contexto clubes do sul do país, Rio de Janeiro e São Paulo, como o Bangu, Corinthians e Vasco da Gama, por exemplo se projetam populares e ganham proporção no cenário nacional. Para a imprensa não é mais possível não abordar o esporte. Aqui surgem as raízes da crônica e do cronista esportivo brasileiro.

Por isso, esta pesquisa soma elementos fundamentais que contribuem para a reconstrução e leitura da sociedade a qual pertencia João Saldanha e também da trajetória deixada por ele. É por entender a imprensa como fonte documental para a historiografia e a atuação de João Saldanha nela que este trabalho se tornou possível.

Ao passo que a história da imprensa no Brasil se constrói em conjunto com a formação do próprio país, a história de Saldanha é permeada pelo futebol desde o início.

Pela chegada do futebol no Brasil, datada do início do século XIX, temos seu berço elitista inglês logo caindo no gosto popular. Se tornando fato brasileiro consolidado ao longo das décadas do século XX, o futebol traz para uma sociedade tão diversa e desigual uma determinada homogeneidade dentro da coletividade.

João Saldanha cresce nesse contexto. Gaúcho, nascido em 1917 se faz em meio ao futebol carioca, sendo o Rio de Janeiro escolhido por seus pais viverem desde sua juventude. Ele inicia sua carreira no jornalismo esportivo em 1960, quando passa a escrever a coluna contra-ataque no jornal *Última hora*. Antes disso, corre o mundo através da militância comunista. Tenta também carreira como jogador e técnico do Botafogo em 1957. Ganha destaque quando é convidado para o cargo de técnico da seleção brasileira em 1969 e é rapidamente demitido pela ditadura militar que dita as regras do jogo na CBD, atual CBF.

Fato é, e se torna uma questão para essa pesquisa, que João Saldanha não se faz no futebol dentro de campo. O destaque recebido pela sua polêmica passagem pela seleção acaba permeando sua história dentro das produções jornalísticas, bibliográficas e até mesmo históricas sobre esse personagem, o ligando ao futebol. Mas é antes disso que esse elo já estava selado e permanece mesmo depois do fim do seu curto período com as “feras de Saldanha”.

Essa passagem pela seleção atribui sim um ar mais combativo e direto à suas produções, como destaca essa pesquisa. O que acaba por ressaltar que, embora transite pelo meio futebolístico de diversas formas, se faz nele e dele através de suas crônicas.

A crônica, enquanto gênero literário está sempre ligada ao tempo. Se um dia representou uma memória escrita, já no início do século XX no Brasil vai trazer a retratação do presente, do cotidiano daquele que a escreve. Embora não tenha sua inserção no meio profissional da imprensa de forma simples, é através da linguagem informal e sem rodeios que se insere no meio social. E que acaba produzindo em si própria a expressão de seu tempo histórico.

Vindas das crônicas folhetinescas francesas, o gênero também passa por transformações e rupturas que a permitem uma nova caracterização, típica brasileira. A crônica esportiva nesse meio, se apresentaria como uma possibilidade dentro da própria crônica.

A efervescência cultural em conjunto com a popularidade do futebol abriram caminho para essa nova temática. O processo de permanência desse tipo de crônica foi gradual e nem sempre tão bem visto no meio intelectual. Com características próximas ao conto, porém permitindo uso mais frequente de metáforas, da linguagem informal e da opinião demarcada, Rubem Braga, Armando Nogueira e Nelson Rodrigues compuseram uma das primeiras linhagens da crônica esportiva. Abrindo caminho e alguns até dividindo espaço com João Saldanha.

Saldanha, já no jornalismo, concentrava suas leituras em dois polos: futebol e política. Encontrou nas crônicas terreno oportuno para se fazer, proporcionando ao seu leitor que esses dois polos não fossem antagônicos, mas sim pertencentes um ao outro.

Enquanto cronista do jornal “Última Hora” na década de 1960 analisava o futebol para além das quatro linhas. Expunha seu caráter popular e nada erudito através de seus textos. Construindo e organizando assim sua visão sobre o futebol, principalmente o brasileiro onde concentrou sua atuação, e a qual perdura até os dias atuais.

Outro momento abordado nessa pesquisa que se faz essencial para compreensão da proposta é sua passagem enquanto técnico da seleção brasileira de 1969. Muitas são as hipóteses levantadas sobre o convite de um jornalista esportivo comunista a frente de uma seleção nacional em contexto de ditadura militar no país. Ao mesmo tempo que também são várias as justificativas pela sua saída, precoce e confusa. Que Saldanha tinha competência técnica e domínio sobre o futebol não se tem dúvidas.

O que justifica essa pesquisa é justamente sua não permanência no cargo. Fica claro que há uma “virada de chave” entre João Saldanha e suas produções pré e pós copa de 1970. Suas concepções e posições já surgem autênticas e diretas, porém se tornam ainda mais assertivas após sua demissão. Sua militância se intensifica, nos textos e na vida. E sua relevância passa a ser ainda mais fundamental para formação de opinião daquele contexto. As análises aderem um teor político mais forte e desafiador do poder das Instituições.

Fato é que as consequências e construções nos locais ocupados por ele, reafirmam o seu local de permanência, a crônica. Saldanha acompanha as transformações de seu tempo, compõe também o rádio e a televisão com comentários e análises relevantes como nos demais locais ocupados. Participa de programas como “Dois Minutos” da TV Globo e se destacava como comentarista das copas do mundo. Dessa forma, João Saldanha deixou sua participação na copa do México em 1970.

Ainda assim se mantém cronista do início ao fim da vida. Escrevendo para os jornais *Última Hora*, *O Globo* e *Jornal do Brasil* onde escreveu sua última crônica no ano de 1990.

João Saldanha se inventa e reinventa atraindo um público massivo através do futebol. As crônicas aqui analisadas são meio que permitem acompanhar esse percurso.

Muito grande a importância do jogo. De um lado, os inventores, de outro a poderosa Alemanha duas vezes campeã do mundo em figura obrigatória em todas as finais das últimas copas. [...] Os ingleses sempre respeitando sua tradicional forma de marcar, marcam com quatro homens lá na última linha. Mas aprenderam com Ricardo Coração de Leão e com o sultão Saladino que nunca se marca em linha. O que seria uma burrice. E por aí os ingleses começaram a ter que se defender porque os alemães, principalmente Augenthaler, dominaram o jogo, mas não a liberdade de chutar. [...] Um belo jogo e bem jogado. E em futebol é importante o domínio do jogo[...] Este foi o mais bonito, bem jogado e disputado jogo da copa. (Jornal do Brasil,05/07/1990)

Me despeço de João Saldanha com um trecho de sua última crônica, escrita da Itália onde cobria a Copa do Mundo de 1990. Com o título “O melhor da Copa”, Saldanha faz a análise do jogo entre Alemanha e Inglaterra, não deixando suas provocações as outras seleções de lado, inclusive a brasileira. Falece no dia 12 de julho de 1990 em Roma.

Sem sanar todas as questões que me surgem em torno dessa figura, esse trabalho deixa reflexões acerca da grande importância de Saldanha na construção e consolidação de um futebol brasileiro fenômeno social e principalmente político. Avesso à ordem monárquica, João talvez hoje se questionasse: Que rei sou eu?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIGUCCI JR, Davi. **Enigma e Comentário**. Ensaio sobre literatura e experiência. São Paulo. Companhia das Letras. 1987.
- BARBOSA, Marialva. **Histórias da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BENDER, F; LAURITO, I. **A crônica: história, teoria e prática**. São Paulo, SP: Editora Scipione, 1993.
- BRANDÃO, Pedro Henrique. João Saldanha, o João sem medo de ditadura. Ludopédio. São Paulo, v 141, n 68, 2021. Disponível em : <https://ludopedio.org.br/arquivancada/joao-saldanha-o-joao-sem-medo-de-ditadura/>
- BRAUNER, Eugenio. Entre as quatro linhas: da crônica sobre futebol ao colunismo esportivo ou da profissionalização do futebol e do cronista. 2010.)
- BRETONES, Marcos J. **Uma experiência do jornalismo esportivo crítico**. Brasília: UNICEUB, 2010.
- BORGES, Vavy Pacheco; JANOTTI, Maria de Lourdes M.; MARSON, Izabel. A esfera da história política na produção acadêmica sobre São Paulo (1985-1994). In: FERREIRA, António Celso (org.). **Encontros com a história: percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. São Paulo, SP: Unesp/Fapesp/ANPUH, 1999.
- CANDIDO, Antonio. **“A vida ao rés-do-chão”**. Para gostar de ler – crônicas. Vários Autores. São Paulo. Ática. 1980.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. Imprensa, uma mercadoria política. **Revista História & Perspectiva**, Uberlândia, v. 4, p. 131-139, jan/jun de 1991.
- CAPRARO, AM. **Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX [tese]**. Curitiba (PR): Universidade Federal do Paraná, Departamento de História; 2007. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/80244/R%20-%20T%20-%20ANDRE%20MENDES%20CAPRARO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- CORNELSEN, Élcio L. LAGE, Marcus Vinícius C. **Futebol, linguagem e cultura**. FALE-UFMG. Belo Horizonte.2022
- DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. **Universo do futebol, Esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. Disponível em: <<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/damattauniversoaula.pdf>>
- FONSECA, O. Esporte e crônica esportiva. In: TAMBUCCI, P.L.; OLIVEIRA, J.G.M.; COELHO SOBRINHO, J. (orgs). **Esporte e jornalismo**. São Paulo, SP: CEPEUSP, 1997.
- GONÇALVES, Lucas Toledo. O curioso caso de João Saldanha: Representações a partir do documentário memórias de chumbo- O futebol nos tempos do condor. **Tempos Gerais-Revista de Ciências social e História UFSJ**, n. 1, 2016.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. 1ª ed. São Paulo, SP: Contexto, 2009.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. **Lacerda x Wainer: O Corvo e o Bessarabiano**. 2ª ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo, SP: Contexto, 2008. p. 111-153.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 25, n. 1, p. 159-171, 2003. <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/182/189>.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Futebol em tempos de ditadura civil-militar**. 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300850798_ARQUIVO_MagalhaesLiviaANPUH2011.pdf

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia R. **História da imprensa no Brasil**. 2ª edição, 3ª reimpressão. São Paulo, SP: Contexto, 2018.

_____. **Imprensa e cidade**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2006.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas**. Educ. 2ed. São Paulo. 2012.

MÁXIMO, João. **João Saldanha: sobre as nuvens da fantasia**. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará, 1996.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**. São Paulo. Mantiqueira. 2003.

MESQUITA, Alexandre; OLIVEIRA, Cesar; GUIMARAES, Marcelo. **As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha**. Rio de Janeiro. Pérola. 2017

MONTEIRO, Karla. **Samuel Wainer: O homem que estava lá**. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2020.

PIRES, Breiller. Futebol na Ditadura Militar. João Saldanha, o técnico que atormentou a ditadura. **El País**. 3 de julho 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/01/deportes/1498862110_086687.html

PRADO, Losana Hada de Oliveira. **Intertextualidade na imprensa escrita: uma leitura de crônicas esportivas do jornal Folha de S. Paulo**. PUC- SP. 2009.

PROENÇA, Ivan C. **Futebol e palavra**. Rio de Janeiro, RJ: J. Olympio, 1981.

ROMANO, Clayton Cardoso. “**Pátria em calções e chuteiras**”. Jornal de Uberaba. Uberaba. Edição 9647. 11 de setembro de 2015. Disponível em <http://1.bp.blogspot.com/-v4eR-p9xr5w/VfMRpuHAMoI/AAAAAAAAAZU/h-Fc50rwNB4/s1600/Patria%2Bem%2Bchuteiras%2B-%2B11092015.png>

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo. Ática. 3ª ed. 1987.

SANTOS, João Manuel C. M.; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. **Revista Tempo**, v. 17, n. 34, 2013. <https://doi.org/10.5533/TEM-1980-542X-2013173403>

SILVA, Eliazar João da. De esporte das elites ao esporte das massas: a trajetória do futebol no Brasil. *Fronteira. Revista de História*, 25. <https://ludopedio.org.br/biblioteca/de-esporte-daselites-ao-esporte-das-massas-a-trajetoria-do-futebol-no-brasil/>.

SIQUEIRA, André Iki. **João Saldanha**: uma vida em jogo. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 2007.

WISNIK, José M. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.

ANEXO I -FONTES

CRÔNICAS NA ÍNTEGRA

Crônica 1 - “Todo mundo está errado” – João Saldanha. Jornal *Última Hora*, 16 de junho de 1961.

Está na ordem do dia a questão da necessidade de colocar em atividade e a seleção nacional. Mas o “carro está pegando” porque são imersas e quase irremovíveis as dificuldades que essa ideia tem pela frente.

Para que fosse possível, seria indispensável que o calendário da CBD coincidissem com os das federações (Campeonato Brasileiro) e com o dos clubes esparramados pelas excursões, ou empenhados nos seus campeonatos. Deve ser levado em conta, principalmente que o campeonato carioca e o paulista não se realizam ao mesmo tempo.

Evidentemente, seria ideal que a seleção brasileira disputasse anualmente algumas partidas com adversários de alto gabarito e de forma organizada. Não como foi feito nesses jogos do Chile e Paraguai há pouco tempo. Pois aí, se havia alguém preparado para o confronto eram os chilenos e os paraguaios, e não nós. Estes confrontos quando nossa seleção se apresentou com vários jogadores caindo aos pedaços, de nada serviram a não ser o cumprimento de compromissos do futebol passado.

Não há quem me faça compreender que os argentinos consigam uma série de jogos consecutivos e proveitosos para testar sua seleção com vistas à Copa de 1962, e nós, os campeões do mundo, não tenhamos nestes três anos arranjado outros jogos que aqueles da RAU [República Árabe Unida] e os do nosso velho calendário sul-americano.

Depois, quando se fala da necessidade de um calendário unificado entre as diferentes regiões do país, aparece sempre um figurão e com ar senhorial sentencia que isto é impossível, que está tudo perfeito e que não há nada a modificar, e que aqui tudo é diferente. Realmente. Nós é que devemos estar certos. Todos os outros países devem estar errados.

Crônica 2 - “Ditadura no futebol” – João Saldanha. Jornal *Última Hora*, 13 de abril de 1961.

Qualquer lei vale ou se impõe pela sua objetividade, quer dizer: quando de torna uma necessidade, livremente aceita por sua justeza e oportunidade. Se uma lei não reúne todas as condições de objetividade – não importa de que poder emane, será viciada e se prostitui. Vaipara o lixo.

Não há dúvida de que é o desejo unânime de torcida brasileira ou da dos clubes particularmente, que seus craques principais não deixem o futebol brasileiro. Mas a torcida e menos a opinião pública, não gosta de ver os ídolos injustiçados. E não vai compreender como um decreto pode impedir uma pessoa ganhar mais ou ir para onde quiser.

Assim, o decreto, resolução ou o que queiram chamar, baixado pelo CND [Conselho Nacional de Desportos] de João Mendonça Falcão, não deve durar muito. É demagógico, arbitrário e inconstitucional.

Qualquer cidadão brasileiro, quite com impostos, e que não esteja denunciado ou cumprindo pena, pode ir para onde e quando quiser. A qualquer coação, a medida do mandado de segurança, simplesmente garante seu direito. Que o Falcão ignore isto, é compreensível, mas o Evandro Lins e Silva, que também é do CND, conhece o assunto. DE outro lado, no aspecto esportivo puramente, se dois clubes entrarem em acordo sobre a transferência de um jogador, esta se processará normalmente. É claro, e todos sabem, que os contratos dos jogadores preveem que quando convocados para seleção – pelas Federaçõesou Confederações – as transferências dependem da aquiescência destas. Neste caso, pode serque o Evandro Lins e Silva não saiba, mas o Falcão, que é “macaco velho”, deve conhecer. Se ninguém no conselho souber, um telefonema para João Lyra filho resolve a coisa.

Aliás, a “lei” foi a mesma utilizada na época do êxodo para a Colômbia, e que, depois a FIFA, habilmente, como sempre, contornou e resolveu, trazendo a Colômbia para o seio das filiadas.

“Decretos” ou medidas como esta, foram parar em cestas de papéis em todos os países. Na Argentina, o sindicato dos jogadores acabou com isto, porque percebeu que comtal medida seriam obrigados a estacionar. Os próprios dirigentes argentinos também compreenderam e levaram o padrão de seu futebol, de forma a não temer mais concorrência. E aqui, enquanto os campeonatos carioca e paulista forem deficitários e mal-organizados, oêxodo continuará, e os “decretos” aparecendo, apodrecendo e não resolvendo coisa alguma.

Crônica 3 - “Política limitada” – João Saldanha. Jornal *Última Hora*, 15 de abril de 1961.

Em fins de 1956 e princípio de 1957, o Botafogo resolveu audaciosamente adotar uma nova política m relação ao seu time e ao profissionalismo. Adhemar Bebiano, Renato Estelita e o presidente Paulo Azeredo iniciaram o ciclo de contratações de grande jogadores e grande valorização da equipe.

O Botafogo passou a jogar no interior do Brasil por 400,500 e até 800 mil cruzeiros por uma partida. Antes, não conseguia mais de 120 mil. E no exterior por US\$ 4,5 mil e até US\$ 12 mil, quando os contratos anteriores não passavam de US\$ 1,5 mil.

Essa política seguiu de vento em popa com grandes êxitos financeiros e esportivos.

O Botafogo passou a ser a grande atração.

Os convites só não podiam ser aceitos pela absoluta falta de datas. Mas, em 1957, no começo do campeonato, apareceu o clube espanhol Valencia, oferecendo CR\$ 6 milhões por Didi. Exatamente o jogador que apresentava o recorde de transferências brasileiras até então.

A oferta era fabulosa na época e para o jogador que ganhava 25 mil cruzeiros por mês, os espanhóis garantiriam 90 mil.

Deve-se levar em conta que o maior ordenado brasileiro eram 28 mil cruzeiros e a única forma de não vender e evitar o fracasso de uma política que iniciava foi pagar CR\$ 70mil ao jogador. Isto chegou a ser considerado uma loucura, O resultado da política do Botafogo foi de grandes êxitos. O que era déficit se transformou em superavit. Mas cada dia que se passa o que foi fácil em 1958 e 1959, foi ficando mais difícil e a política do Alvinegro de contratar sempre grandes jogadores, diminuiu.

O Santos FC também seguiu este caminho e parece que muitos outros clubes estão dispostos a fazê-lo. A experiência foi boa. Mas estão todos os temerosos e vacilantes, inclusive o Botafogo. Está preocupação só desaparecerá quando acabarem estes campeonatos obsoletos e deficitários, que os poderes superiores do nosso futebol – CND, CBD e Federações insistem em impingir aos pobres clubes brasileiros.

Crônica 4 - “Futebol e Samba” – João Saldanha. Jornal *Última Hora*, 08 de março de 1962.

São duas as expressões da Arte Popular que mais atraem público em nosso país. O futebol foi mais esperto. Se há alguns anos, quando havia um grande jogo em São Januário e cinquenta mil pessoas ficavam na rua do lado de fora apenas escutando os gritos de outras quarenta mil que se espremiavam lá dentro, a turma do futebol mexeu os pauzinhos e arranhou um jeito de ser construído o Maracanã. Dai em diante, tudo azul. Não foi por falta de público dentro do estádio que o futebol deixou de evoluir.

O Samba não teve muita sorte. Para o grandioso espetáculo que representa o desfile das escolas de samba, ainda não foi encontrada solução ideal para que a parte mais interessada possa ver o espetáculo. Não é possível de forma alguma, pretender que meio milhão de pessoas possa caber num trecho da Avenida Rio Branco, com menos de quinhentos metros de extensão. E correndo perigo muito sério. O resultado é negativo em todos os sentidos. Ninguém consegue ver as escolas. Nem a comissão julgadora. E o pior de tudo é o que é desfile, que a tradicional, está acabando por transformar em “show” e não em desfile. Se a parada de Sete de Setembro também fosse feita no trechinho igual, é fácil entender que nem o Ministro da Guerra teria vez.

A ideia de levar para o Maracanã é mais infeliz ainda. O local do samba é a rua. Tirar o samba da rua seria o mesmo que fazer futebol em quadra de basquete. A solução é evidentemente dilatar o espaço de exibição das escolas, com a comissão espichada ao longo de todo o trajeto, o que faria com que as escolas se apresentassem em todo seu esplendor. Assim voltariam a desfilar e não apresentar um “show” que se é apenas para alguns privilegiados assistirem, poderia ser apresentada em qualquer teatro.

Crônica 5 - “Engano” – João Saldanha. Jornal *Última Hora*, 09 de dezembro de 1966.

Quando acabou o jogo, um colega de uma rádio de Santos e dizia: “É, quando o Zito para esse time para”. Tremendo engano. O caso é que o Zito já entra parado. A manter o Zitono campo, o Santos deveria chamar Athiê [Jorge Cury, ex goleiro e depois presidente do Santos FC] para o gol. Não dá mais pé e o Santos depende do Pelé e Toninho [Guerreiro]. Foi assim, em Belo Horizonte, e foi mais do que assim, em São Paulo.

Neste último jogo, não sei por que cargas d’água, o Cruzeiro começou jogando timidamente. Como que pretendendo o empate de 0 a 0. O Santos folgou e Pelé e Toninho se aproveitaram da fraqueza de Pedro Paulo e de William, que já estavam muito mal. Esbanjaram oportunidades os santistas. Mas o placar não se ampliou mesmo com o Cruzeiro já começando a aceitar o resultado. O tempo foi passando e Zito e Mengálvio abriram o bico. Saiu o gol para o Cruzeiro e foi o Santos quem ficou no Deus-nos-acuda. O Cruzeiro sentiu que dava para o empate e apertou mais. Dirceu Lopes que estava sem atacar muito, passou a mandar para o ataque. Tostão teve companhia (Evaldo “medrou” com Oberdan) e o bombardeio ficou permanente na área grande e na pequena. Veio o empate e o Santos tentou vantagem. Não saiu do lugar. Estava às traças. Pelé já deveria estar farto de correr, por ele e por outros. O Cruzeiro correu muito mais. Saiu o terceiro gol e se o tempo fosse maior e anoite mais longa, o Santos ficaria naqueles dois gols e o Cruzeiro, não sei onde ia parar. Foi justo e foi bom que o Cruzeiro ganhasse. Lutaram para isto e o Santos que trate de ir arrumando gente para o lugar do Zito e do Zé Carlos. Do contrário, irá para o vinagre de uma vez. A vitória do Cruzeiro dará um impulso ainda maior ao futebol de Minas. O Atlético, por exemplo, deve estar mordido e vai tratar dos papéis. Mas com uma coisa não se preocupem: Pelé está muito longe de estar acabado. Ainda carrega aquilo nas costas por muito tempo. Não pode é ganhar sozinho.